



GOVERNO DO ESTADO



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO RURAL



ATER AGROECOLOGIA MOC

SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS





ATER AGROECOLOGIA MOC

EXPERIÊNCIAS NOS TERRITÓRIOS BACIA DO JACUÍPE E SISAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

ATER agroecologia [livro eletrônico] :
experiências nos territórios Bacia do Jacuípe e Sisal / organização Ana Dalva
Souza Santana, Célia Santos Firmo, Selma Glória de Jesus. --Feira de Santana,
BA : MOC Movimento de Organização Comunitária, 2024. ePub

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-997358-9-9

1. Agricultura familiar 2. Agricultura - Aspectos ambientais 3. Agroecologia
4. Comunidades tradicionais 5. Economia solidária I. Santana, Ana Dalva Souza. II.
Firmo, Célia Santos. III. Jesus, Selma Glória de.

24-220832

CDD-630

Índices para catálogo sistemático:

1. Agricultura familiar 630

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

MOVIMENTO DE ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA – MOC

DIRETORIA

Diretora Presidente – Maria Conceição Borges Ferreira
Diretora Secretária – Terezinha Santos Silva
Diretora Administrativa – Maria Margarida da Silva Ferreira Santos
Diretora Financeira – Hildete Neves de Farias
Diretor de Relações Públicas – Edisvânio do Nascimento Pereira

CONSELHO FISCAL:

Adriana Lima Nascimento de Jesus
Jussara Secondino do Nascimento Alves
Marineide Dias dos Santos
Terezinha de Jesus de Almeida

COORDENAÇÃO EXECUTIVA:

Coordenadora Geral – Célia Santos Firmo
Coordenadora Pedagógica – Gisleide do Carmo Oliveira
Coordenadora Financeira – Maria das Graças Bittencourt

COORDENAÇÃO COLEGIADA:

Programa Água, Produção de Alimentos e Agroecologia

Ana Glécia Silva Almeida

Programa de Comunicação e Cultura

Kívia Maria da Silva Carneiro

Programa de Desenvolvimento Institucional

Maria das Graças Bittencourt

Programa de Educação do Campo Contextualizada

Vera Maria Oliveira Carneiro

Programa de Fortalecimento dos Empreendimentos Econômicos Solidários

Reinilda Santos da Silva

Programa de Gênero, Geração e Igualdade Racial

Selma Glória de Jesus

Organização

Ana Dalva Souza Santana
Célia Santos Firmo
Selma Glória de Jesus

Colaboração

Daiane da Silva Xavier
Judiclécio Brito Lima
Marcelo Emanuel Militão Araújo
Pedro Genir de Jesus Santos
Tailana Isabela de Lima Matos
Tainá de Lima Matos

Revisão

Núria Mariana Campos Nunes

Projeto Gráfico

Bruna Graziela Cordeiro dos Santos

Diagramação

Kívia Maria da Silva Carneiro

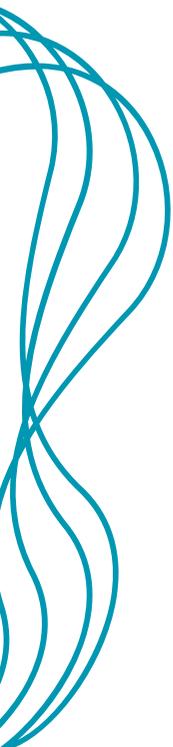
Fotografia

Alan Rocha Suzarte
Kívia Maria da Silva Carneiro



Rua Pontal, 61, Cruzeiro
Feira de Santana - Bahia
CEP: 44022-052

www.moc.org.br
moc@moc.org.br



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	08
CONHEÇA O PROJETO ATER AGROECOLÓGICA.....	10
A TRAJETÓRIA DO PROJETO ATER AGROECOLÓGICA.....	11
O PÚBLICO DA AÇÃO.....	12
O CONTEXTO REGIONAL E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	14
CONTRIBUIÇÕES DOS SERVIÇOS DE ATER NO DESENVOLVIMENTO DAS FAMÍLIAS AGRICULTORAS	21
AÇÕES PARA ALÉM DA ATER: METODOLOGIA DO LUME	36
CADERNETAS AGROECOLÓGICAS	38
SEMINÁRIO SOBRE DEMOCRACIA, ELEIÇÕES E AGROECOLOGIA	46
EXPERIÊNCIAS EXITOSAS	49
MUNICÍPIO DE ARACI	50
Experiência de Diego Oliveira, Comunidade de Vargem Grande, Araci - BA	50
Experiência de Joana Sousa, Comunidade de Baixa, Araci- BA	53
Experiência de Josina Góes, Comunidade de Baixa, Araci- BA	56
MUNICÍPIO DE BAIXA GRANDE	59
Experiência de Leandra Cerqueira, Comunidade de Lagoa Queimada, Baixa grande - BA	59
MUNICÍPIO DE CONCEIÇÃO DO COITÉ	62
Experiência de Dona Maria José, Comunidade de Lagoa Ferrada, Conceição do Coité - BA	62
Experiência de Necival Xavier, Comunidade de Boa Vista, Conceição do Coité - BA	65
Experiência de Dona Ducilene Lima, Comunidade de Boa Vista, Conceição do Coité - BA	68



SUMÁRIO

MUNICÍPIO DE PINTADAS	71
Experiência de Dona Ailia Andrade, Comunidade de Laranjeira, Pintadas - BA	71
Experiência de Vilma Machado, Comunidade de Coração de Jesus, Pintadas - BA	73
MUNICÍPIO DE RETIROLÂNDIA	76
Experiência de Sandra Ferreira, Comunidade Bastião, Retirolândia - BA	76
Experiência de Iracema Cunha, Comunidade de Sossego, Retirolândia - BA	80
Experiência de Ivonildo Lima, Comunidade de Pedrinhas, Retirolândia - BA	83
MUNICÍPIO DE RIACHÃO DO JACUIPE	86
Experiência de Jonalice Santana, Comunidade de Mandassaia, Riachão do Jacuípe - BA	86
Experiência de Ana Lúcia Correa, Comunidade São Lourenço, Riachão do Jacuípe - BA	89
Experiência de Olívia Santana, Comunidade de Mandassaia I, Riachão do Jacuípe - BA	92
Experiência de Marinaldo de Oliveira, Comunidade de Mandassaia II, Riachão do Jacuípe - BA	94
MUNICÍPIO DE SANTALUZ	96
Experiência de Neirian Dias, Comunidade de de Lagoa Escura, Santaluz, BA	96
Experiência de Diana Rodrigues, Comunidade de Serra Branca, Santaluz - BA	99
Experiência de Genivaldo Matos, Comunidade de Ferreiros, Santaluz, BA	102
CONSIDERAÇÕES	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106



A Chamada Agroecológica também atuou no estímulo e apoio no processo de fortalecimento do desenvolvimento comunitário, especialmente a partir da atuação junto aos grupos de mulheres, associações e cooperativas, apoiando a diversificação da produção, o beneficiamento dos produtos e o acesso aos mercados locais e institucionais, especialmente por meio das feiras agroecológicas, pontos fixos de comercialização, Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE). Essa ação buscou integrar as iniciativas produtivas de cada família, seja na produção de hortaliças através dos quintais agroecológicos, do beneficiamento da mandioca por meio das casas de farinha, ou do beneficiamento das frutas por meio das cozinhas comunitárias, essas iniciativas quando organizadas coletivamente desenvolve a capacidade produtiva para o acesso aos mercados.

Neste livro, sistematiza-se a experiência realizada no período de Agosto de 2020 a Agosto de 2023, no Projeto ATER Agroecológica, o qual ocorreu em um contexto de desafios climáticos e de segurança alimentar, perpassando por um período de pandemia, mas que foi possível construir com as famílias atendidas iniciativas inovadoras e necessárias para promover a agricultura agroecológica e de Convivência com o Semiárido, a qual atua especialmente na conservação do bioma caatinga e na melhoria da qualidade de vida das famílias rurais dos territórios da Bacia do Jacuípe e do Sisal.

Célia Santos Firmo
Coordenadora do Geral do MOC



CONHEÇA O PROJETO ATER AGROECOLÓGICA

Edital: 01/2018

Lote: Bacia do Jacuípe e Sisal

Entidade Proponente: BAHIATER - SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL
GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Contrato: 09/2019

Municípios: Araci (Baixa, Malhada da Areia, Resina, Vargem Grande); **Baixa Grande** (Lagoa Queimada), **Conceição do Coité** (Boa vista, Cansanção, Lagoa Ferrada, Queimada do Cedro); **Pé de Serra** (Lagoa do Pé do Morro), **Pintadas** (Coração de Maria, Laranjeira, Baixa das Flores); **Retirolândia** (Bastião, Lagedo Grande, Paulista, Sossego); **Riachão do Jacuípe** (Mandassaia I, Mandassaia II, São Lourenço) e **Santaluz** (Ferreiros, Lagoa escura, Miranda, Serra Branca).

Número de Famílias: 540

Equipe:

Coordenação – Ana Dalva Souza Santana

Equipe Técnica - Daiane da Silva Xavier, Judiclécio Brito Lima, Marcelo Emanuel Militão Araújo, Pedro Genir de Jesus Santos, Tailana Isabela de Lima Matos e Tainá de Lima Matos

Assessoria Pedagógica – Selma Glória de Jesus

Assessoria de Comunicação - Kívia Maria da Silva Carneiro

Preposto - Alexandre Lima de Meireles

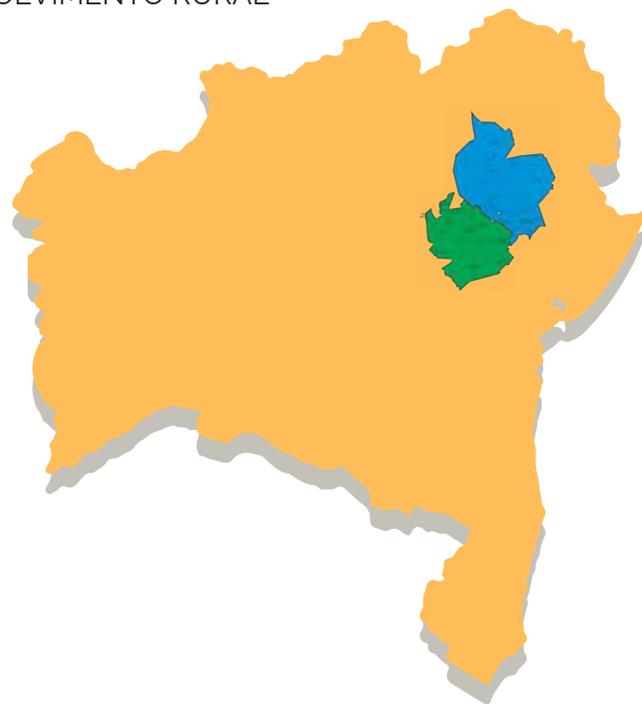


Figura 1: Mapa dos Municípios Atendidos



A TRAJETÓRIA DO PROJETO ATER AGROECOLÓGICA

O Projeto da chamada pública de ATER Agroecologia teve início no mês de agosto de 2020, sendo executada pelo MOC, em dois Territórios de identidade do estado da Bahia, sendo eles: o território do Sisal; com abrangência nos municípios de Araci, Conceição do Coité, Retirolândia, Santaluz e no território da Bacia do Jacuípe nos municípios de Riachão do Jacuípe, Pé de Serra, Pintadas e Baixa Grande. Sendo o objetivo central do projeto a prestação de serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural, destinados à estruturação produtiva e articulação de políticas públicas para promoção da sustentabilidade das Unidades Produtivas Familiares (UPFs).

Sendo assim, foram utilizados procedimentos metodológicos e ações no sentido do alcance de objetivos básicos, como: promover assessoria técnica e extensão rural agroecológica com foco na convivência com o Semiárido para famílias agricultoras em situação de vulnerabilidade socioeconômica visando à melhoria da situação econômica, social e ambiental; ampliar a capacidade das mulheres rurais no âmbito da auto-organização e da adoção de práticas produtivas nas suas propriedades e organizações; fortalecer os processos de participação e mecanismos de controle social, como, por exemplo, dos concelhos municipais de desenvolvimento sustentável; fortalecer os processos de organização da produção, gestão e a comercialização das UPFs; promover a inclusão dos jovens rurais nos processos de ATER com vista o seu protagonismo e participação no planejamento e gestão das UPFs.

Para desenvolvimento deste projeto, dispomos do trabalho de 01 coordenação técnica, 01 auxiliar pedagógico e 6 técnicos em agropecuária com experiência em agricultura familiar, 01 Técnico administrativo e 01 comunicador popular, além de uma equipe multidisciplinar da instituição visando desenvolver as ações do projeto, promovendo uma melhor qualificação na abordagem sistemática e contínua de ATER.



A Vale destacar, que a ação teve seu início em meio à pandemia de COVID-19, fato esse que afetou todo processo metodológico das ações, uma vez que se fez necessário redirecionar e buscar novas estratégias para garantir a maior participação e envolvimento das pessoas nas diversas atividades. Assim, as atividades iniciaram na modalidade virtual, através da plataforma Zoom para as atividades coletivas, sendo conduzidas mediante a metodologia participativa, criando espaços de interação e proposição, onde o sujeito "Atuando, transforma; transformando, cria uma realidade que por sua vez, envolvendo-o, condiciona sua forma de atuar" (FREIRE, 2003, p. 28).

Deste modo, foram realizadas reflexões sobre o contexto local, as políticas acessadas e a importância da chamada de ATER Agroecologia para possibilitar a melhoria na qualidade de vida das famílias de agricultores e agricultoras rurais. Salienta-se ainda que durante este período, o MOC respeitou todas as medidas de segurança contra a COVID-19 e seguiu as orientações da OMS em todas as nossas atividades.

Assim, com a perspectiva de contribuir para a adoção de práticas da agroecologia num viés da convivência com o Semiárido, a equipe assessorou 540 famílias nos municípios atendidos pelo projeto, tendo a coordenadora à incumbência de acompanhar, monitorar e coordenar as ações de modo que as famílias tivessem uma assessoria técnica contínua com base agroecológica e de convivência com o semiárido. Para isso, foi compreendido a importância da mobilização e participação social das comunidades e dos órgãos representativos dos agricultores para que este projeto tivesse o êxito e o alcance esperado dos resultados previstos.

O público da ação

Os serviços de ATER, baseados na agroecológica, foram desenvolvidos junto aos agricultores familiares dos municípios já citados, durante o período de quatro anos, compreendendo o intervalo entre os anos de 2020 a 2023, para difusão e fortalecimento da agricultura familiar na região por meio de chamada pública de ATER Agroecologia SDR/BAHIAATER nº 001/2018.



As 540 famílias agricultoras acompanhadas, tinham características muito semelhantes, no que se refere ao acesso à terra, como: áreas produtivas pequenas (o que se configura a minifúndios); a maioria utiliza a renda gerada por outras atividades, muitas vezes, caracterizada por atividades não agrícolas para manter o investimento produtivo na terra; a sua maioria tem um grau de dependência das rendas geradas pelo Programa Bolsa Família (PBF); marginalização da economia de mercado, que precisa ser melhor preparada sobre tecnologia de produção organização da produção, agregação de valor à produção, entre outros aspectos.

Além disso, das 540 famílias que receberam os serviços de ATER, foi retirada uma amostra com 54 agricultoras para a aplicação da caderneta agroecológica. Essas agricultoras fizeram o uso e anotações das cadernetas, com foco na obtenção de informações sobre aspectos sociais, ambientais, econômico e principalmente sobre o trabalho produtivo e reprodutivo, como também dados sobre a forma da gestão da propriedade.

Partindo dessa realidade o projeto buscou um planejamento orientando as famílias e suas comunidades considerando os diversos fatores importantes para o desenvolvimento da agricultura familiar, tanto o fator ambiental, quanto o social e o econômico são importantes para a manutenção destes agricultores familiares no campo. Assim, "No processo de extensão, observado do ponto de vista gnosiológico, o máximo que se pode fazer é mostrar, sem revelar ou desvelar, aos indivíduos, uma presença nova: a presença dos conteúdos estendidos" (FREIRE, 1983, p. 17), ajudando-as a acharem seus caminhos.

Portanto, conhecer as formas de organização, a partir da participação social em grupos ou associações, os costumes do local, saber como os agricultores conduzem as atividades da produção de alimentos na garantia de sua subsistência e comercialização dos excedentes, como os agricultores têm aumentado e diversificado sua produção agroecológica para criação de animais, quais cuidados ambientais com solo e água, se faz queimadas, usa agrotóxico, faz desmatamento em sua propriedade rural, foram premissas da ação na busca por uma ATER educativa que buscou transformar a realidade destas 540 famílias, o que nos colocou na necessidade de contribuir com o desenvolvimento das pessoas e das comunidades.



O contexto regional e suas características

Os territórios da Bacia do Jacuípe e do Sisal, são considerados territórios de identidades do estado da Bahia, pois os municípios atuantes se enquadram no contexto social, econômico e ambiental do projeto. Segundo o censo demográfico de 2010, dados tabulados no Atlas Brasil 2013, a soma de pessoas nestes municípios totaliza uma população de 203.072 habitantes, sendo que deste montante 101.222 (49,84%) vivem em ambientes convencionados como rural e 101.850 (50,16%) das pessoas vivem no meio urbano.

Nota-se que nos pequenos municípios integrantes dos territórios a maioria das pessoas, mesmo as que moram nas sedes municipais, são envolvidas diretamente com alguma atividade ligada a terra, estabelecendo vínculo diário com atividades da agropecuária e, desta forma, se for utilizada outra metodologia considerando estas observações, teremos municípios eminentemente rurais (tabela 01).

Tabela 01. População residente (rural, urbana e total) nos municípios integrantes do lote 06 da chamada pública 001/2018 SDR/BahiATER.



Tabela 01. População residente (rural, urbana e total) nos municípios integrantes do lote 06 da chamada pública 001/2018 SDR/BahiATER.

ESPAÇALIDADES	POPULAÇÃO TOTAL 2010	POPULAÇÃO RURAL 2010	POPULAÇÃO URBANA 2010
Brasil	190.755,799	29.830,007	160.925,792
Bahia	14.016,906	3.914,430	10.102,476
Araci	51.651	32.013	19.638
Baixa Grande	20.060	11.722	8.338
Conceição do Coité	62.040	25.762	36.278
Pé de Serra	13.752	8.578	5.174
Pintadas	10.342	4.502	5.840
Retirolândia	12.055	5.333	6.722
Riachão do Jacuípe	33.172	13.312	19.860
Total do Lote	203.072	101.222	101.850

Fonte: Atlas Brasil 2013.



Os municípios inseridos nos territórios da Bacia do Jacuípe e Sisal são considerados os mais pobres do Brasil, onde às pessoas vivem em situações precárias devido à baixa renda per capita. A agricultura familiar predomina em 93% das propriedades e equivale a 76% da população local economicamente ativa. Sendo que 12,2% dos agricultores familiares do estado da Bahia estão inseridos nestes territórios e, entre estes, 68,5% são classificados como quase sem renda.

Em vista disso, nos municípios de abrangência desta chamada, os domicílios são considerados extremamente pobres. Tendo a variação em 11,39% no município de Retirolândia e chega ao impressionante percentual de 31,46% no município de Araci. A média de extremamente pobres dentre os sete municípios fica em 18,55% contra uma média estadual de 13,79%, e esta desigualdade se acentua quando se compara com a média nacional que é de 6,62% (tabela 02). Em consonância com os fatos apresentados, que podem inferir nos números baixos do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), onde todos os municípios do lote apresentam índice abaixo da média do estado e bem abaixo da média nacional, constatando o déficit existente nestes municípios em investimentos indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda, dentre outros parâmetros.



Tabela 02. Dados de IDHM e índices de pobreza da população dos municípios que integram o lote 06 da chamada pública 01/2018 SDR/BahiATER.

ESPACIALIDADES	IDHM 2010	% DE EXTREMAMENTE POBRES 2010	% DE POBRES 2010	% DE VULNERÁVEIS À POBREZA 2010
Brasil	0,727	6,62	15,2	32,56
Bahia	0,66	13,79	28,72	52,71
Araci	0,534	31,46	52,7	74,56
Baixa Grande	0,585	24,43	45,3	69,51
Conceição do Coité	0,611	15,15	32,42	58,45
Pé de Serra	0,587	17,43	35,54	63,14
Pintadas	0,612	17,55	34,7	57,52
Retirolândia	0,636	11,39	31,79	63,18
Riachão do Jacuípe	0,628	12,44	28,11	59,12

Fonte: Atlas Brasil 2010.

As regiões em que os territórios estão inseridos apresentam a vegetação bem diversificada, formada por plantas resistentes ao clima seco e árido. As condições edafoclimáticas, aliadas à histórica concentração da propriedade fundiária e à falta de investimentos, tanto na atividade agrícola, como em outros setores que dinamizam a economia, resultaram em uma baixa remuneração do trabalho agrícola, no desemprego, em difíceis condições de vida, no emprego de mão-de-obra infantil e em esforços de toda a família para a sobrevivência nas propriedades rurais da agricultura familiar.



No semiárido o bioma característico é a caatinga, onde as práticas predatórias foram intensificadas nas últimas décadas. As queimadas, a caça indiscriminada, o uso intensivo do solo, o desmatamento, o uso indiscriminado de agrotóxicos, o manejo inadequado das águas, a falta de armazenamento adequado das águas de chuva, etc.; levam a uma permanente devastação da vegetação nativa, eliminando muitas espécies de animais e vegetais que ajudaram a criar as condições de reprodução da vida humana nos territórios.

Por consequência, como ocorre em outros subsistemas, os efeitos negativos são visíveis, devido ao manejo inadequado dos recursos naturais, que resulta na ausência de determinadas espécies vegetais, em que inevitavelmente provoca a extinção de espécies animais, além do mau uso do solo que desencadeia um processo grave de degradação ambiental, como a desertificação, portanto, comprometendo a vida humana.

A estrutura agrária da maioria dos municípios dos Territórios é concentrada, promovendo uma coexistência numa mesma área, sendo em pequenas e grandes propriedades, o que ocasiona a distribuição desigual dos benefícios delas extraídas. No entanto, existe um predomínio de pequenas propriedades com menos de cinquenta hectares e boa parte com menos de dez hectares.

Nos municípios deste lote é marcante a presença desses pequenos agricultores familiares, que pelas dificuldades decorrentes de políticas, ao invés de centrar-se na convivência com o Semiárido e agroecologia, vivem na perspectiva de combate à seca com suas mazelas e com a falta de investimentos. Desta maneira estes pequenos agricultores sempre estiveram propícios à subordinação e à opressão dos grandes proprietários de terras, que detinham em regra e ainda detém o poder político.

Com isso, em sua maioria, as famílias da agricultura familiar, obtém-se a possibilidade de oferecer a sua mão-de-obra como trabalhador rural, submetendo-se ao trabalho árduo do cultivo e colheita nos grandes latifúndios, mineração ou ainda na formação e tratos culturais das pastagens das médias e grandes propriedades.

A mulher sertaneja convive com dificuldades maiores, pois, assume todo o trabalho doméstico, como: o cuidado com os filhos, na invisibilidade, pois é conceituado como trabalho "improdutivo"; no cultivo e na lida com os rebanhos; além de ser "responsável" pelo abastecimento da casa com água potável, missão está que muitas vezes desempenhar em caminhar muitos quilômetros todos os dias.



A juventude rural, destes municípios, por sua vez segue o fluxo contínuo da migração para os espaços urbanos de cidades maiores, por não encontrarem uma política municipal de educação contextualizada e orientadora para as potencialidades da agricultura familiar no Semiárido, como também da falta de espaços criativos e desenvolvimento cultural e de ações geradoras de renda no campo.

A falta de oportunidades de ocupação laboral, seja de modo formal ou no espaço da unidade familiar de produção, que pelo seu tamanho diminuto e demais problemas já citados não consegue gerar renda digna nem para uma família quem dirá para divisão com filhos, eleva os índices de jovens deixando o campo e concentrando nos centros urbanos a busca por educação de qualidade e principalmente de renda.

As políticas públicas sempre se revestiram de características assistencialistas e nunca tiveram o objetivo de dotar a região de processos de sustentabilidade. Não interessava a estas políticas a sustentabilidade ambiental da caatinga, a segurança alimentar e nutricional das famílias rurais, a captação de água da chuva democraticamente dividida ao invés de concentrada e a assistência técnica permanente, qualificada e direcionada à convivência do homem e da mulher com o clima.

Conseqüentemente, a produção familiar é constantemente ameaçada, utilizam a renda gerada por outras atividades, caracterizadas, muitas vezes, por atividades não agrícolas para manter o investimento produtivo na terra. O trabalho doméstico remunerado é relevante para as mulheres, principalmente, as jovens, que são obrigadas a deslocarem-se para a cidade, e, para os homens, a opção é vender a força de trabalho em outras propriedades. Iniciam-se, porem de modo mais qualificado e sistemático, processos de produção de alimentos, artesanato e outros.

Convivendo com estes limites e problemas, tanto naturais, quanto estruturais e políticos, os territórios e seus municípios não se estagnaram. Eles possuem movimentos sociais, organizações não governamentais, cooperativas, movimentos de mulheres, polos sindicais e outros que há anos vem lutando e conquistando mudanças significativas na sua realidade, na perspectiva de convivência com o Semiárido e produção agroecológica.

O MOC é uma organização que possui mais de 56 anos de trabalho nas regiões/territórios do Sisal e da Bacia do Jacuípe. Ao longo da sua existência, sempre investiu numa assessoria técnica que possibilitasse a criação e dinamização de processos organizativos e solidários a partir dos quais as pessoas e comunidades pudessem buscar e conquistar seus espaços na sociedade e melhorar sua situação de vida.





A experiência da instituição no campo da agroecologia iniciou em meados dos anos 80, na perspectiva da convivência com o Semiárido e da agroecologia, tendo como um dos instrumentos utilizados a busca do desenvolvimento comunitário mediante instrumentos como os Fundos Rotativos Solidários, que dinamizavam compras de animais adequados ao clima, roças comunitárias e familiares, sem utilização de agrotóxicos e outras atividades. Ao lado disso se dinamizava os empreendimentos justos e solidários, processo de erradicação do trabalho infantil, cooperativas de crédito rural, estas fortes iniciativas protagonizadas por agricultores e agricultoras familiares, em muitos casos assessorados por esta entidade.

Neste contexto, nas propriedades dos agricultores e suas comunidades vem sendo dinamizadas experiências de cultura do estoque, armazenando água para consumo humano e produção, estoque e propagação das sementes crioulas, silagem e fenação, conservação da caatinga, armazenamento de grãos, feiras agroecológicas, ampliação da produção de hortaliças e um movimento de venda de produtos para o PAA e o PNAE, as experiências de auto-organização de mulheres rurais e de coletivos de jovens, dentre outros elementos de resistência e construção do caminho para a transição agroecológica nas propriedades e comunidades.

Deste modo, a característica da região, vê surgir dialeticamente, sementes significativas de convivência com o Semiárido e de agroecologia, em que se observem as características e essências das comunidades locais, ao tempo que melhore as condições socioeconômicas dos agricultores familiares.





Contribuições dos serviços de ATER no desenvolvimento das famílias agricultoras

A agricultura familiar desempenha um papel fundamental na produção de alimentos e no desenvolvimento socioeconômico de muitas regiões do mundo. No entanto, as famílias agricultoras muitas vezes enfrentam desafios, como o acesso limitado a recursos, falta de conhecimento técnico e dificuldades para se adaptar às mudanças climáticas. Nesse contexto, os serviços de ATER com base nos princípios da agroecologia têm-se mostrado, essenciais para o desenvolvimento sustentável dessas famílias.

O conjunto de ações desenvolvidos ao longo desse período visaram fortalecer as capacidades das famílias agricultoras, por meio da disponibilização de informações técnicas, além do apoio na implementação de práticas sustentáveis de produção agrícola. A abordagem baseada nos princípios da agroecologia buscou promover a integração entre a produção agrícola, a conservação do meio ambiente e a melhoria da qualidade de vida das famílias, através das atividades coletivas e individuais, para promoção da agroecologia e da convivência com semiárido.

Uma das principais contribuições dos serviços de ATER foi a melhoria da produtividade e da sustentabilidade das atividades agrícolas. Através do acesso a informações técnicas atualizadas e do acompanhamento técnico, as famílias passaram a adotar práticas mais eficientes e sustentáveis, tais como: diversificação da produção de alimentos, estoque de água e comida para os animais, beneficiamento da produção, estoque de conhecimento. Isso resulta em um aumento da produtividade, na redução dos custos de produção e na melhoria da qualidade dos alimentos produzidos.





Além disso, também contribuiu para o fortalecimento das organizações de agricultores familiares, através da promoção de processos participativos e do estímulo à organização coletiva. Assim, as famílias agricultoras foram capazes de se unir em associações, cooperativas e grupos de produção, isso possibilitou o acesso aos mercados mais justos e a melhores condições de comercialização, aumentando a renda e a autonomia das famílias, principalmente a comercialização nos mercados locais e virtuais.

Outro impacto importante dos serviços de ATER foi à promoção da segurança alimentar e nutricional das famílias agricultoras. Através da diversificação da produção e do estímulo ao consumo de alimentos saudáveis e nutritivos. As famílias puderam adotar e implementar os quintais produtivos, que garantiram uma alimentação adequada para si mesmas e para a comunidade local. Além disso, a ATER também promoveu a valorização dos conhecimentos tradicionais e a preservação da cultura local, contribuindo para a segurança alimentar e a identidade das famílias agricultoras.

Em resumo, os serviços de ATER com base nos princípios da agroecologia foram fundamentais para o desenvolvimento das famílias agricultoras familiares. Através do acesso a informações técnicas atualizadas, do fortalecimento das organizações de agricultores e da promoção da segurança alimentar, promoção e troca de conhecimentos, do acesso às políticas públicas de fortalecimento a agricultura familiar, esses serviços contribuíram para o aumento da produtividade, a melhoria da qualidade de vida e da renda das famílias.

Todas essas ações coletivas e individuais foram responsáveis pelo empoderamento, melhorias das condições de produção e das relações menos desiguais de gênero, da geração de renda e aumento da participação das famílias nos diversos espaços locais e territoriais.

Mediante o exposto, é aprensetado algumas das ações com os resultados e impactos a partir da intervenção da ATER agroecologia junto aos agricultores, agricultoras e suas comunidades sobre as contribuições do MOC para o desenvolvimento da agricultura familiar nos 08 municípios supracitados, que receberam os serviços da ATER durante os últimos anos. Tendo como foco o desenvolvimento rural sustentável, a superação da pobreza rural, sustentabilidade socioambiental com enfoque agroecológico, priorizando as questões de gênero e geração, fundamentada no princípio de que as pessoas são centrais na promoção do desenvolvimento.

Em plena pandemia nossas ações iniciaram na virtualidade, e assim conseguimos realizar:

- 06 reuniões de articulação com os parceiros, 24 mobilizações e a seleção das famílias, contando com a participação de aproximadamente 380 pessoas. Entre os participantes estavam os representantes dos coletivos municipais de jovens, organizações de mulheres rurais, cooperativas/empreendimentos econômicos solidários, outras organizações de assistência técnica atuante no município, além de organizações da sociedade civil que representaram a agricultura familiar em cada município do projeto, os Conselhos Municipais de Desenvolvimento Sustentável – CMDS, o Colegiado de Desenvolvimento Territorial – Codeter, representantes do banco do Brasil e do banco Nordeste, o poder público dos municípios e representações da BahiATER – SETAF (imagem 01).



Fonte: Próprio autor (2023).



E passado esse período de maior foco da pandemia nossas ações começaram a ter uma aproximação e contato com as famílias, e assim, nossas ações puderam acontecer e chegar às famílias e suas comunidades, e conseguimos realizar:

- 540 diagnósticos e atualizações dos mesmos, realizados nas unidades produtivas. Este foi um dos grandes momentos da ação do serviço de ATER, utilizando de uma metodologia que considerou os/as agricultores/as como protagonistas do processo de trabalho, construindo coletivamente o conhecimento básico sobre a propriedade de cada família;
- 24 diagnósticos comunitários, sendo uma atividade coletiva, voltada para levantamentos de caráter coletivo e encaminhamento na mesma dimensão. Num processo de aprendizagem construtiva, estimulando a criatividade e percepção, será incentivada a integração de todos os sujeitos, garantindo o máximo de envolvimento e participação de todos/as. Tivemos como participantes 459 pessoas, sendo 277 mulheres, 138 homens e 44 jovens;
- 54 caracterizações e atualizações da caracterização da unidade produtiva familiar. Este passo se constituiu no levantamento inicial da condição socioeconômica de cada família, na perspectiva da transição agroecológica e de convivência com o Semiárido, tendo um recorte especial junto as mulheres agricultoras, onde se buscou enxergar o papel das mulheres no âmbito do trabalho tanto reprodutivo como produtivo. Neste sentido o MOC utilizou, em especial nestas 54 famílias, a ferramenta da “Caderneta Agroecológica”, instrumento esse de fácil manuseio que buscou quantificar o trabalho diário da mulher e que por muitas vezes fica invisibilizado na quantificação de valores, autonomia econômica e geração de renda dentro da UPF;
- 24 oficinas para socialização do diagnóstico e planejamento comunitário. Estas atividades possibilitaram um aprofundamento mais qualificado, numa perspectiva de ações coletivas e mais gerais, a partir de grupos de interesse, o que possibilitou condições de abordar as demandas das potencialidades e fragilidade das comunidades. Tivemos como participantes 428 pessoas, sendo 275 mulheres, 122 homens e 47 jovens;
- Numa perspectiva de construção do conhecimento, conseguimos realizar um conjunto de ações coletivas que aconteceram com base nas demandas identificadas pelas famílias. Foram compostas por intercâmbios, reuniões, dia de campo, mutirões, oficinas, entre outras e assim chegamos ao atendimento de homens, mulheres e jovens em diversas atividades (Tabela 03).



Tabela 03. Atividades coletivas realizadas, com as respectivas cargas horária e quantitativo de participações.

Participantes	Atividades Coletivas		
	8 horas	16 horas	24 horas
Homens	135	131	99
Mulheres	367	327	210
Jovens	47	80	68
Total	541	514	353

Fonte: Próprio Autor (2023)



Em suma, com objetivos de planejar, monitorar e avaliar as ações de ATER foi realizado as diversas ações na perspectiva de identificar os principais avanços e resultados da ATER Agroecológica, com base em indicadores de monitoramento, bem como compartilhar experiências exitosas e apontar as demandas do público beneficiário para a continuidade das ações de ATER, conseguimos realizar um seminário de monitoramento e avaliação intermediário, uma oficina de nivelamento técnico metodológico e um seminário de avaliação final.

Imagem 02. Reunião de Alinhamento da Equipe e Bahiater





Com isso, foi pretendido dar visibilidade e demonstrar quais foram os legados deixados pelo MOC nestes municípios, e o que mudou efetivamente na vida destas famílias e das comunidades, se foi alcançada mudanças e o acesso das famílias as políticas públicas, práticas e técnicas inovadoras que geraram condições e transformaram de fato a realidade.

Nosso intuito é tornar público e acessível os resultados encontrados, como também estes sirvam de referência e análise da qualidade dos serviços do ATER Agroecológico, e assim buscar entender, por onde manter alguns métodos, metodologia, ações e quais premissas serão considerados para o desenvolvimento dos próximos projetos de extensão rural no estado da Bahia. O desdobramento deste projeto está distribuído em alguns aspectos distintos: socioambiental, político e econômico, que abordam a dimensão dos estoques de água, alimento e conhecimento, a segurança alimentar, do acesso às políticas públicas essenciais para agricultura familiar.

Portanto, é necessário conhecer e entender os diversos aspectos que vão desde espaços sociais, o acesso às diversas políticas públicas para a agricultura familiar, a ampliação da produção, a manutenção dos princípios agroecológicos, a comercialização da produção e as discussões individuais e coletivas com as organizações que os representam.

Portanto, os impactos que abaixo apresentados em gráficos apresentam os impactos no tocante aos resultados o que a ATER promoveu e alcançou junto às famílias e comunidades com as ações do projeto. Tendo muitos impactos que a ATER promoveu na vida das famílias. Os resultados das ações do projeto foram inúmeros e resultaram no fortalecimento da agricultura familiar. Dentre os resultados estão:

a) Acesso ao mercado institucional e local

A adoção de práticas e princípios agroecológicos garantiu mais segurança alimentar para as famílias agricultoras e geração de renda a partir da venda dos excedentes nos mercados locais, feiras agroecológicas, mercados institucionais (PAA e PNAE) e pelas próprias famílias, como demonstrado no gráfico 01:

Gráfico 01: Soma de valores estimados de acesso aos mercados institucionais PAA e PNAE



Fonte: Proprio Autor (2023)



Também houve fortalecido e fomentado a partir da ATER agroecologia em diversos outros espaços de comercialização, como exemplo dos pontos fixos de comercialização solidária (Santaluz, Araci, Retirolândia e Riachão do Jacuípe), feiras agroecológica e entrega em domicílio. O que acabou promovendo e estimulando a comercialização de bens e serviços produzidos pelas famílias e grupos organizados nos circuitos locais, baseada nos princípios da Economia Solidária e do Comércio Justo e Solidário, assim gerando melhoria de renda nas comunidades.

b) Acesso ao Crédito

Com as ações do projeto foi possível o acesso ao Crédito para 289 famílias, gerando a circulação do valor de R\$ 1.645.559,04, nas mãos das famílias agricultoras familiares aplicadas nas suas propriedades e projetos, dando condições de melhoria as unidades produtivas familiares (gráfico 02).

Mesmo com a dificuldade de acesso ao crédito rural no estado, devido ao conjunto de fatores estruturais como a falta de terra e documentação, inadaptabilidade do próprio crédito que continua centrado em concepções exclusivamente de cadeias produtivas ou monocultivos, ao invés de valorizar a variedade e pluralidade de ações próprias da agricultura familiar, o projeto viabilizou o acesso ao crédito.



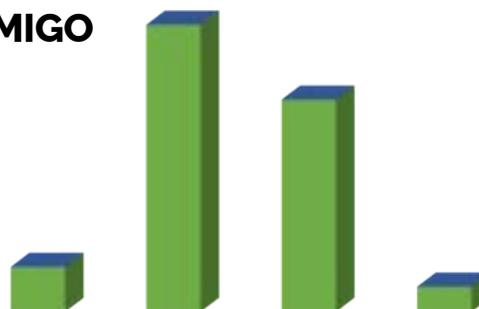
Gráfico 02: Soma de valores estimados do acesso ao PRONAFV e PRONAF-AMIGO.

PRONAF -V



	2022
■ CONTAGEM DE CPF	8
■ SOMA DE VALOR ESTIMADO DO ACESSO	16 0.000,00

PRONAF-AGROAMIGO



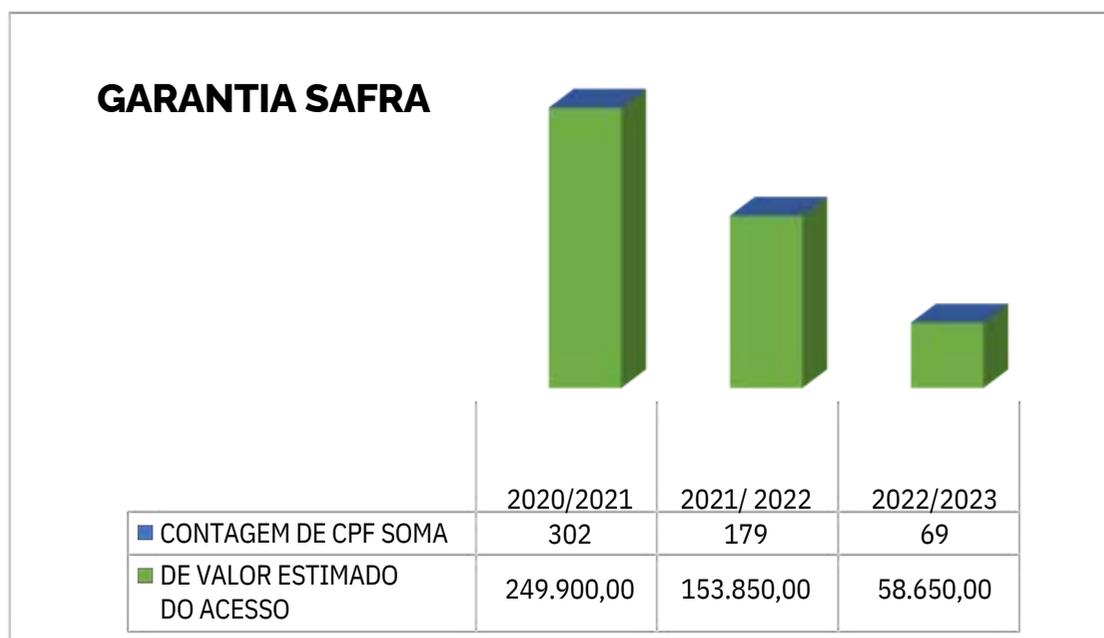
	2020	2021	2022	2023
■ CONTAGEM DE CPF	21	144	105	11
■ SOMA DE VALOR	117.000,00	749.290,00	553.769,04	65.500,00

Fonte: Próprio autor (2023)

c) Acesso ao Garantia Safra

Durante esse período em que executamos o serviço de ATER, muitas famílias tiveram suas áreas de cultivo perdida, em razão da estiagem. No entanto, a ATER teve um papel importante na orientação e organização das documentações das famílias para acessarem o benefício social garantia safra, e assim, várias famílias tiveram seu direito garantindo (gráfico 03).

Gráfico 03: Soma de valores estimados do acesso ao garantia safra.

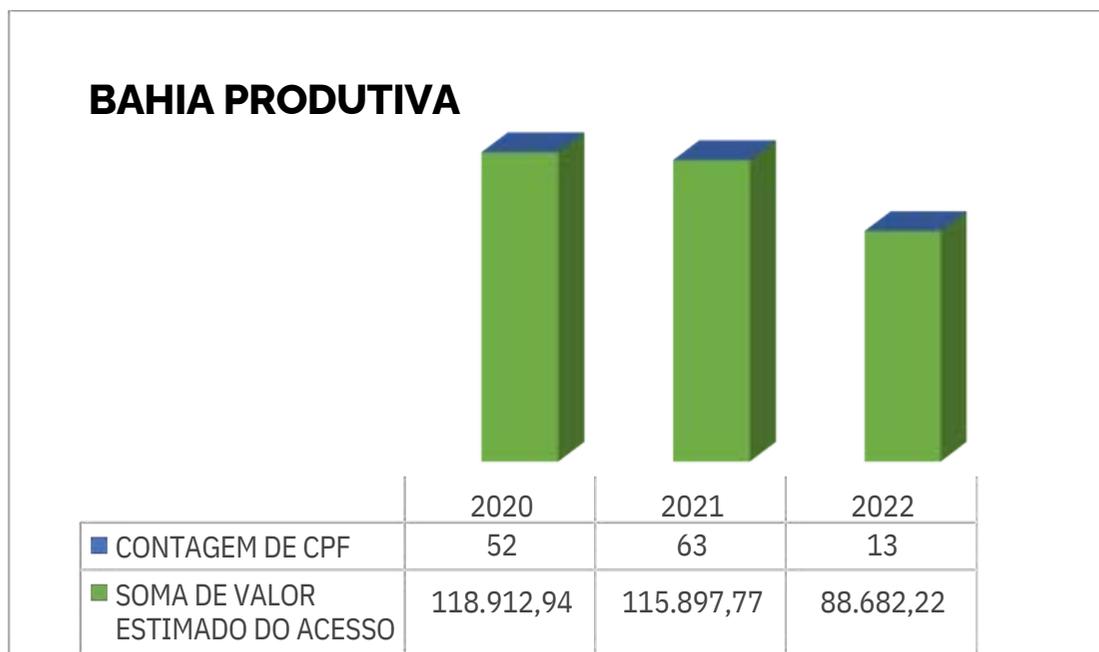


Fonte: Próprio autor (2023)

d) Acesso Bahia produtiva

Durante o período de execução do projeto a Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), lançou edital com objetivo à seleção de Subprojetos Socioambientais voltados para a Segurança Alimentar e Nutricional, com vistas a ampliar a oferta de alimentos básicos, sobretudo hortaliças, frutas, raízes e tubérculos, diante da redução do cultivo causado pela pandemia mundial do Coronavírus (COVID-19). E foi através dos serviços da ATER agroecologia que muitas associações e famílias puderam acessar o edital. A ATER possibilitou que as informações e organização das documentações das associações fossem regularizadas e possibilitassem a concorrência, além de garantir o acompanhamento para todas as famílias beneficiárias do Bahia produtiva, dando condições de implementarem seus projetos (gráfico 04).

Gráfico 04: Soma de valores estimados do acesso ao Bahia produtiva.



Fonte: Próprio autor (2023)

e) Acesso à água como política de segurança alimentar e nutricional:

Uma das estratégias fundamentais da ATER agroecologia foi a mobilização das organizações e as famílias para assumir o debate e enfrentamento ao desmonte da política de água. Incentivando a incidência políticas dos espaços estratégicos junto a outras organizações e articulação, exemplo da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). A participação destes espaços e a viabilização destas políticas nos possibilitou atuar e implementar estruturas para reuso de água, de realizar diagnóstico sobre uso e manejo das tecnologias de água para consumo e produção de alimentos. E nessa trajetória contribuimos com a prestação dos serviços de ATER, na busca da resiliência hídrica para que pelo menos 127 famílias tivesse a implementação de tecnologia social e/ou inovação tecnológica e o acesso à água de qualidade em sistemas simplificados de irrigação, canteiros econômicos, reserva estratégica de alimentos, quintais produtivos, reuso de água e outras tecnologias; promovendo a segurança alimentar nutricional através das infraestruturas descrita no tabela 04:

Tabela 04: Soma de valores estimados do acesso à água como política de segurança alimentar e nutricional.

RÓTULO DE LINHA	CONTAGEM DE CPF	SOMA DE PREÇO ESTIMADO DE IMPLANTAÇÃO
ESTOCAGEM DE ÁGUA	33	R\$613,000.00
CANTEIROS ECONÔMICOS	31	R\$60,708.65
SISTEMA DE IRRIGAÇÃO	10	R\$27,552.00
SISTEMA DE REUSO DE ÁGUA (ÁGUA CINZA)	7	R\$23,700.00
RESERVA ESTRATÉGICA DE ALIMENTOS	8	R\$20,500.00
QUINTAL PRODUTIVO	16	R\$19,150.00

Fonte: Próprio autor (2023)



f) Assessoria Técnica e Agroecológica para Convivência com o Semiárido

O intuito da ATER é atuar e intervir nas áreas socioeconômicas, culturais e ambientais, dentro de princípios e metodologias de convivência com o Semiárido e agroecologia, levando a efeito as imprescindíveis reformas estruturais no sentido de democratizar o acesso à terra, a água, além de estimular setores incipientes como o setor agroindustrial. Com o serviço de ATER em quantidade suficiente e com a qualidade advinda dos processos e premissas existentes nas leis e planos tanto de ATER, como de produção agroecológica e orgânica (PLANAPO). E assim foi promovida a mudança e transformação das famílias e comunidades, tendo como resultado dessas ações:

- 271 famílias com sistemas produtivos implementados ou potencializados a partir da ATER;
- 138 famílias comercializando seus produtos através das feiras agroecológicas, feiras livres, pontos fixos, em domicílio, etc.;
- 156 familiares participando do projeto diretamente e 140 indiretamente em agroindústrias formais e informais;
- Fortalecimento social de 26 grupos com acompanhamento, orientação, organização e elaboração de projetos com vista ao acesso das políticas públicas para agricultura familiar.

g) Organização social

Muitas comunidades e famílias assessoradas com ATER agroecológica tiveram a oportunidade de potencializar e fomentar o desenvolvimento a partir das ações coletivas, numa perspectiva da organização social, que buscou definir os conjuntos das atividades pelos grupos de interesses comuns. A princípio esse trabalho coletivo, pode assumir diferentes formas e buscar condições de criar as melhorias nos diversos aspectos, da produção, gestão e principalmente na geração e renda para as famílias.

Foi assim, que muitas associações, grupos de produção, cooperativa, regularizaram suas documentações e acessaram programas e políticas públicas, como também retomaram os processos coletivos da gestão no pensar das práticas, tais como o uso de equipamentos e máquinas, das roças comunitárias, dos fundos rotativos solidários, a criação de abelhas, ovinos/caprinos e aves. Nesse sentido, os agricultores mudaram o comportamento, e atualmente muitas das famílias conseguem se organizar e juntas buscam o acesso aos direitos e suas melhorias.

h) Geração e gênero

Outra contribuição significativa dos serviços de ATER, baseados na agroecologia, foi à valorização da participação das mulheres e dos jovens nas atividades, promovendo a igualdade de gênero e o empoderamento das comunidades rurais. Buscamos garantir e ampliar as capacidades das mulheres e dos jovens rurais no âmbito do protagonismo, participação e gestão, através da adoção de práticas e processos equitativos e igualitários de gênero, dos processos produtivos nas suas propriedades e suas organizações. Com isso alcançamos uma grande participação de mulheres e a inserção de jovens nos serviços de ATER, o que deu condições para fortalecimento de associações comunitárias, grupos organizados de produção e gestão nas unidades produtivas familiares.





AÇÕES PARA ALÉM DA ATER: Metodologia do LUME e Cadernetas Agroecológicas e Seminário sobre Democracia, Eleições e Agroecologia



Metodologia do Lume

O MOC, em parceria com a Rede ATER NE de Agroecologia desenvolveu junto algumas famílias da ATER agroecologia o uso e aplicação das ferramentas do método LUME. Com objetivo de desenvolver uma construção da agroecologia com base no diálogo com as famílias, nos recursos disponíveis, no saber local, com as capacidades organizativas e inventivas das famílias e das comunidades. Esse estudo da pesquisa ação aconteceu junto algumas famílias do município de Santaluz e de Riachão do Jacuípe.

O objetivo da pesquisa foi à construção conjunta do conhecimento, transformando os moradores em protagonistas da narrativa. Por meio de uma abordagem participativa, cada membro da comunidade e dos agroecossistemas contribuíram com suas perspectivas, enriquecendo a compreensão nas diversas dimensões como técnica, política, social e econômica.

"Esse momento de construção permitiu que os participantes elaborassem e reformulassem suas relações individuais e coletivas, com foco na construção do conhecimento coletivo e na própria história da comunidade. As histórias de vida se entrelaçaram na construção do relato da comunidade, proporcionando uma imersão na vida das pessoas e na trajetória do local", frisou a técnica Ana Dalva.

Com intuito de requalificar o serviço da ATER, o MOC, buscou envolver sua equipe na discussão do método LUME. Com objetivo central de socializar e discutir a metodologia do LUME, a partir dos estudos realizados, na perspectiva de requalificar a abordagem da ATER institucional. Esse exercício contribuiu especialmente para entendimento das estratégias empregadas pela família ao longo dos anos, e a importância do método LUME para esse entendimento. E como direcionamento da discussão e reflexão, alguns aprendizados foram e são necessários para aprofundamento dos serviços de ATER sistemática gratuita e de qualidade, o qual fica como lição, o fruto da nossa ação. PENSAR SOBRE:

Qual o papel do Lume para qualificar nosso trabalho junto às comunidades?

- Entender a lógica desenvolvida e a trajetória da família para elaboração de um plano de ação;
- Contribuir para orientar a família sobre as ações necessárias para melhorar o desempenho do seu agroecossistema;
- Troca de experiência entre todos os envolvidos na ação;
- Dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelas mulheres, perceber e valorizar o trabalho realizado pelas mulheres;
- Visualizar as potencialidades e os desafios ainda existentes;
- Apropriação das riquezas do agroecossistema pela equipe técnica e pela família;
- Perceber as mudanças e inovações, e como aconteceram ao longo da trajetória estudada.

Como a política de ATER pode ser aprimorada com o uso desse instrumento?

- Adotando o método Lume para abordagem inicial junto às famílias e comunidades;
- Implementando editais para dar visibilidade aos aspectos sociopolítico e econômico desenvolvido pelas famílias e comunidades;
- Implementando política pública estruturante;
- Fortalecendo entidades locais;
- Criando Banco de dados com as informações levantadas a partir da aplicação das ferramentas utilizada na abordagem do diagnóstico;
- Sistematização das informações sociais, econômicas, políticas e ecológicas, por meio de um banco de dados;
- Visibilizando o trabalho de gênero nos agroecossistemas;
- Promover a elaboração de políticas públicas (editais) direcionada a mitigar as questões específicas a cada região/público;
- Visibilizando o trabalho da juventude.





Figura 02 - Resultado do estudo LUME em relatoria gráfica da Linha do Tempo da comunidade de Lagoa Escura, município de Santaluz- Bahia.

Cadernetas Agroecológicas: reconhecimento e visibilidade do protagonismo das mulheres rurais.

O olhar da Assistência técnica e extensão rural na agricultura familiar ainda, em sua maioria, está centrado na família tendo o homem como pessoa de referência, o que invisibiliza a participação e reconhecimento das mulheres como protagonistas nas unidades produtivas familiares, já que o seu papel esteve historicamente reservado ao trabalho doméstico e do cuidado. No entanto, as mulheres estão ocupando cada vez os espaços de participação social e decisão política, no entanto, se faz necessário mudar essa lógica e buscar ampliação das políticas públicas de inclusão, autonomia e apoio para as mulheres rurais.

A Chamada Agroecológica de ATER reconhece que a especificidade das mulheres rurais devem vir para as agendas do governo e suas demandas serem pautadas enquanto elemento estruturante para avançarmos na equidade de gênero e valorização do trabalho das mulheres nas suas unidades produtivas familiares, nos espaços coletivos comunitários e outros de controle social e proposição de políticas públicas. Deste modo, as organizações executoras de Ater também são convocadas a fazerem parte da mudança, a se comprometerem com a agenda política das mulheres rurais e criar condições para avançar na construção de uma sociedade mais equitativa, reconhecendo o papel importante das mulheres no desenvolvimento sustentável no Semiárido.

O MOC assume seu compromisso político com a luta das mulheres quando também faz adesão as Cadernetas Agrocológicas na Chamada de ATER Agroecologia, do governo do estado da Bahia, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) através da BAHIATER. Nesta oportunidade, a instituição qualifica e sensibiliza a equipe técnica para compreender o contexto de desigualdades de gênero que ainda permeia o meio rural os impactos na vida das mulheres; invisibilidade do seu trabalho nos quintais produtivos, falta de incentivo e financiamento de crédito para investimento na propriedade, pouca representatividade nos espaços de decisão, trabalho pouco ou raramente valorado. Desse modo, é preciso reconhecer as desigualdades de gênero para avançar na construção de um sertão mais justo e equitativo.

A partir das inquietações e sabedoria ancestral das mulheres rurais, foi idealizado pelas mesmas um instrumento político pedagógico intitulado Cadernetas Agrocológicas que lhes ajudasse a sistematizar a produção para promover visibilidade e valorização do trabalho desempenhado nos arredores de suas casas, nos quintais produtivos. A caderneta é pedagógica porque contribui para que as mulheres reflitam e se percebam como sujeitos autônomos e participativos no sustento familiar, como um processo de autorreconhecimento. O nome atribuído remete a uma prática antiga de anotações a partir das compras feitas nos armazéns locais, no entanto o modelo desenvolvido pelas mulheres reserva quatro colunas em diferentes cores (consumo, troca, doação, venda), ou seja, é o olhar feminista sobre a produção das próprias mulheres e sua participação na economia.

Caderneta Agrocológica Controle de Produção											
Mês _____ / Ano _____											
Qtz	Consumo	Valor (R\$)	Qtz	Troca	Valor (R\$)	Qtz	Doação	Valor (R\$)	Qtz	Venda	Valor (R\$)

Figura 03 - Caderneta Agrocológica – instrumento político-pedagógicoutilizado pelas mulheres rurais para o controle da produção.

[1] A Caderneta Agrocológica é um instrumento político-pedagógico criado pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) em parceria com o Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas, para mensurar e dar visibilidade ao trabalho das agricultoras agrocológicas², ao mesmo tempo que contribui para a promoção da sua autonomia (CARDOSO et al., 2019).



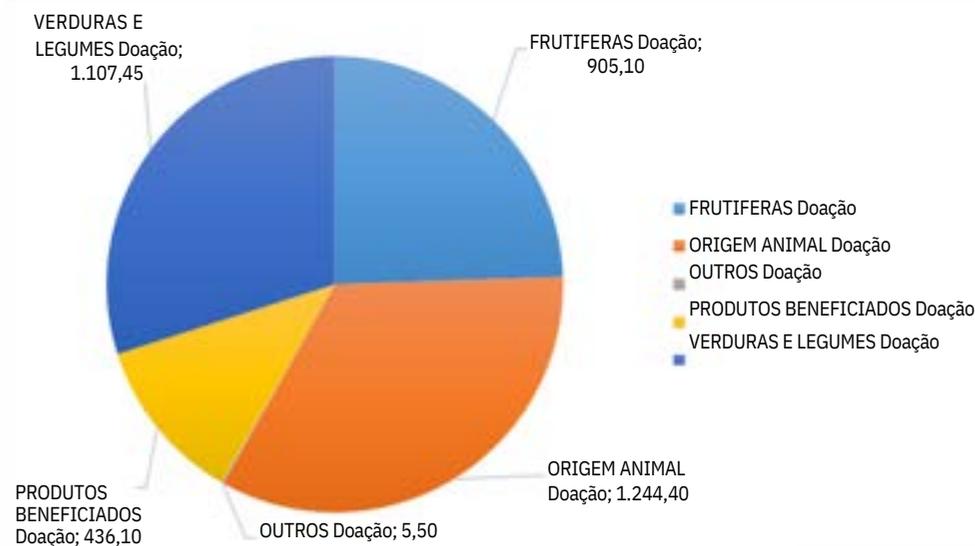
A Caderneta é um instrumento político pedagógico, também utilizada como uma ferramenta de negociação de políticas públicas para as mulheres rurais, tendo em vista a sua capacidade e diversificação da produção registradas para poderem pautar a ampliação do seu acesso às políticas públicas e, por conseguinte, impulsionar a produção e comercialização dos produtos oriundos dos quintais produtivos, de modo que promova a inclusão socioeconômica das agricultoras, além de possibilitar uma releitura da lógica capitalista opressora e construir novas perspectivas de economia sobre o olhar e vivências das produtoras agroecológicas. Este instrumental foi disseminado e apoiado pelo GT de Mulheres da ANA e da Rede feminismo e Agroecologia para que as organizações executoras de ATER e mesmo os governos reconhecessem a sua importância política e pedagógica para o trabalho com as mulheres rurais



A Chamada Agroecológica possibilitou as agricultoras agroecológicas exercitarem os registros da sua produção nas cadernetas e aos mesmo tempo refletirem sobre seus quintais – os limites e potencialidades existentes quanto a quantidade, diversidade e qualidade produtiva, além de perceberem a renda monetária e não monetária gerada a partir do consumo, da doação, da troca e venda dos produtos, seja nas feiras agroecológicas, nos mercados institucionais (PAA e PNAE), seja nos arredores de casa em suas comunidades. Constatar e problematizar os resultados aferidos pelas mulheres ao final de cada mês de registro ajudou elas a se perceberem como sujeitos que produz e gera renda, em especial na produção para o consumo da família, pois quando deixar de comprar o alimento no mercado, muitas vezes processados, elas garantem através dos quintais produtivos, alimentação saudável e ajudam a promover a segurança alimentar e nutricional da família.

Ao final das ações de ATER junto às mulheres acompanhadas com a metodologia da caderneta agroecológica, os resultados apresentaram um panorama da diversidade produtiva e também da destinação da produção, conforme apresentada no gráfico abaixo:

Gráfico xx: Sistematização das cadernetas agroecológicas – Doação.

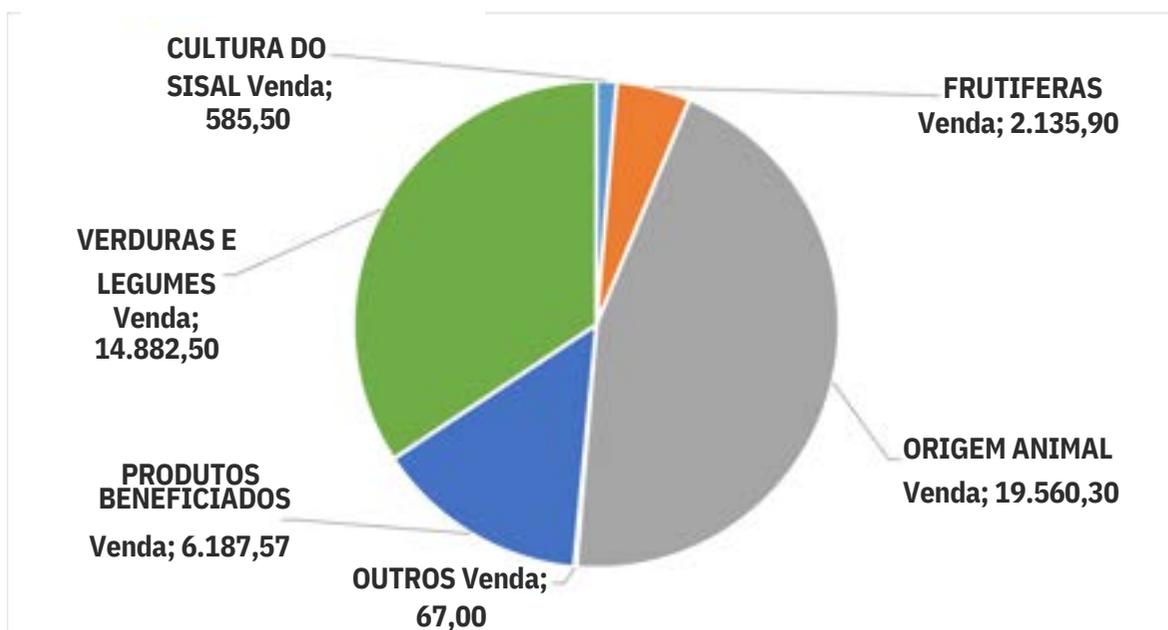


Fonte: Próprio autor, 2023

Base de dados: Registro das agricultoras mediante caderneta agroecológica, 2023

Essa é uma demonstração da capacidade produtiva das mulheres em seus quintais produtivos, geralmente são pequenos espaços nos arredores de casa, mas que as agricultoras conseguem ter uma diversificação desde produtos in natura até os beneficiados. A prática da doação é uma das características das comunidades rurais que preservam costumes e gestos de solidariedade numa comunhão ancestral, é um gesto que vai para além da família, mas se estende a outros membros da comunidade, da igreja, da associação.

Quadro xx: Soma dos valores sistematizados através das cadernetas agroecológicas



Fonte: Próprio autor, 2023



Base de dados: Registro das agricultoras mediante caderneta agroecológica, 2023

A participação das mulheres na produção e comercialização de alimentos da agricultura familiar se expressa não apenas no volume mas também na diversidade praticada nos seus quintais e outros espaços de beneficiamento, a exemplo dos grupos de produção, das associações e cooperativas das quais elas fazem parte. A comercialização dos produtos de origem animal ganham destaque já que é uma prática comum da população dos territórios do Sisal e Bacia do Jacuípe lidarem com pequenos criatórios, mas que gera uma renda complementar considerável comparando a outras culturas, sobretudo quando as outras culturas exigem um consumo maior de água, como as hortaliças e fruticulturas.

Tabela 04: Soma dos valores sistematizados através das cadernetas agroecológicas.

RÓTULOS DE LINHA	SOMA DE VALOR(R\$)
Cultura do Sisal	585,50
Frutíferas	5.020,66
Origem animal	30.515,05
Outros	211,00
Produtos beneficiados	8.856,27
Verduras e Legumes	20.822,25
Total Geral	66.010,73

Fonte: Próprio autor, 2023



Base de dados: Registro das agricultoras mediante caderneta agroecológica, 2023.

Os dados gerais apresentados no quadro acima mostram potencialidades e também limitações da produção agroecológica, uma vez que as agricultoras não possuem investimentos suficientes para uma produção agroecológica mais robusta, sobretudo a oferta de água que dê condição de uma produção sem interrupção nos longos períodos de estiagem, visto que o acesso à água se dá através das cisternas, pequenas aguadas, em poucos casos, oferta de água encanada com frequentes interrupções e poços artesianos, além de apresentarem dificuldade de acesso a crédito, inclusive o PRONAF Mulher que ainda é considerada burocrática para ascensão das agricultoras, do mesmo modo, a terra é também considerada insuficiente, já que a maioria se estabelecem em minifúndios.

A partir da sistematização das Cadernetas Agroecológicas, apesar dos desafios vivenciados por cada uma das mulheres rurais acompanhadas, pode-se apresentar alguns avanços significativos para a agroecologia e para a vida das mulheres, como:

- Diversificação da Produção;
- Reconhecimento do trabalho das mulheres na agroecologia em suas unidades produtivas familiares – quintais produtivos;
- Planejamento da produção "quem anota, NOTA", comparando o feito e o por fazer;
- Visibilidade do trabalho da mulher e o seu reconhecimento enquanto sujeito político;
- Melhoria da autoestima das mulheres, por conta da sua autonomia econômica;
- Acesso a dados sistematizados sobre produção agroecológica para incidir nos espaços estratégico das políticas públicas.



Constamos a importancia um olhar atento para a assistência técnica e os demais fatores relevantes para que as agricultoras tenham mais visibilidade, reconhecimento e condição para produzirem, acessarem mercados e permanecerem na terra de maneira digna, inclusive pensando a sucessão rural e o legado para a juventude. Neste aspecto, a agroecologia sob o olhar feminista considera as questões objetivas materiais e subjetivas que assegura o reconhecimento das mulheres enquanto sujeito político, ou seja, é inconcebível a agroecologia sem a perspectiva da ancestralidade feminina com seus saberes e fazeres na preservação da vida e na construção do bem viver, pois “Sem feminismo não há agroecologia”.

Não temos a intenção de aprofundar e nem tão pouco esgotar a discussão que emerge no bojo dos movimentos de mulheres e feministas, sejam elas rurais ou periurbanas, mas de alertar para a necessidade de pensar mecanismos que garantam a ampla participação social das mulheres nas tomadas de decisões, seja nos espaços privados, seja nas esferas de poder institucionalizadas capazes de avançar na garantia e efetivação dos direitos, na perspectiva de desnaturalizar as desigualdades sociais e fortalecer o protagonismo das mulheres como sujeitos políticos autônomos. Parafraseando a feminista e escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie *“Precisamos encorajar mais mulheres a se atreverem a mudar o mundo”*.



SEMINÁRIO SOBRE DEMOCRACIA, ELEIÇÕES E AGROECOLOGIA

Um marco importante da nossa ação foi a realização do Seminário sobre Democracia, Eleições e Agroecologia, com objetivo de refletir a caminhada do MOC ao longo dos 55 anos de existência, junto aos homens e mulheres que constroem sua missão e história, de luta e resistência. Tendo como estratégia de incidência e formação política das pessoas e das organizações que há anos de atuação em parceria com instituição trilha por um sertão mais justo.

O Seminário teve seu início com uma mesa de abertura composta com representações dos movimentos sociais, representantes dos agricultores familiares, candidatas/as deputadas/os estadual e deputada federal, trazendo uma reflexão da importância da organização, das lutas para recolocar as políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar na pauta e nos planos dos governos.

Que gerou uma discussão necessária para trazer um novo olhar para um debate sobre o tema, para nossa Bahia. As políticas públicas atuais é fruto da luta do MOC e de todas as instituições que atuam com a "nossa" gente. Fortalecer essa pauta que o MOC sempre defendeu, foi premissa da nossa ação da ATER agroecologia, entender que a política acontece entre todos os que seguem o mesmo objetivo, que estão a lutar pelo Bem Viver.



Refletir juntos, a fala de Cícero da articulação do campo "Quero falar do semiárido brasileiro, nós da sociedade civil somos capazes de construir mais de 1 milhão de cisternas de 1° água, precisamos ainda de 300 mil. E mais de 800 mil tecnologias de 2° água para garantir a produção de alimentos. O programa está paralisado, colocaram o programa na gaveta, não existe execução de cisternas nesses tempos. Muita gente ainda precisando. O golpe no semiárido foi esse, a paralisação do programa de cisternas. A fome é resultado do golpe, aqui no semiárido isso é muito forte. Nas casas, onde as mulheres garantem o sustento das famílias, a fome no Brasil tem localização, tem gênero, tem cor, e está principalmente na nossa região norte e nordeste. Principalmente com mulheres, pretos e pretas desse país. Só vamos conseguir mudar essa face, essa crueldade, se a gente conseguir eleger quem tá do nosso lado".



Seminário sobre democracia, eleições e agroecologia / Imagem: Acervo MOC

Seguido pela fala do companheiro Cícero, onde diz que: "Esse momento importante da nossa história. De forma especial quero parabenizar o MOC, que tem na sua essência a ousadia. Uma organização que nasceu em plena ditadura militar que não teve medo de dizer que é um movimento que disse para que veio, para organizar o povo, da política da construção coletiva e participação popular. Tem ajudado a construir outras organizações, vida longa ao MOC, todas as organizações da ASA bebem dessa fonte".

Na escolha pela democracia, o MOC sempre esteve na luta, desde a ditadura militar, a democracia participativa é muito mais qualificada do que a representativa. Porque nos movimentos de luta, são as pessoas enquanto organização social, o conjunto de organizações do semiárido brasileiro, que qualificou enquanto não está mais na posição de receber, mas querem estar junto na construção das políticas.



Figura 03: Relatoria gráfica sobre Seminário sobre democracia, eleições e agroecologia



EXPERIÊNCIAS EXITOSAS



“Hoje agradeço ao MOC por ter proporcionado esse projeto que veio para a nossa comunidade beneficiar eu e outros agricultores também”

Diego Oliveira,
Comunidade de Vargem Grande, Araci - BA





Diego Oliveira, 26 anos, da comunidade de Vargem Grande, explica sobre as mudança que os movimentos sociais, principalmente o MOC, proporcionou na mudança da sua vida a participar da associação da comunidade., *“Em 2020 em meio período conturbado da pandemia do COVID-19, aos poucos fomos retornando as reuniões da associação comunitária em nossa comunidade, aonde fazemos parte, foi ai que em meados de 2020, recebemos a visita em um técnico do MOC que iria prestar assessoria técnica com orientação aos agricultores na propriedade, eu sempre presenciei os agricultores da comunidade receber os técnicos em suas propriedade mais eu nunca antes tinha participado, nem documentos de terra, nem DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf) tinha. Eu sempre tive curiosidade e vontade de também receber essas visitas e nesse período como eu já estava com minhas documentações organizadas me candidatei a ser um dos que seria assessorado por esse projeto da Chamada de Agroecologia”.*

Em meio a esse distanciamento que foi causado pela pandemia a chamada teve uma grande importância, pois através foi através desse processo e das ações que muitas famílias puderam retornar suas rotinas coletivas e também individuais, sendo um acalento e esperança.

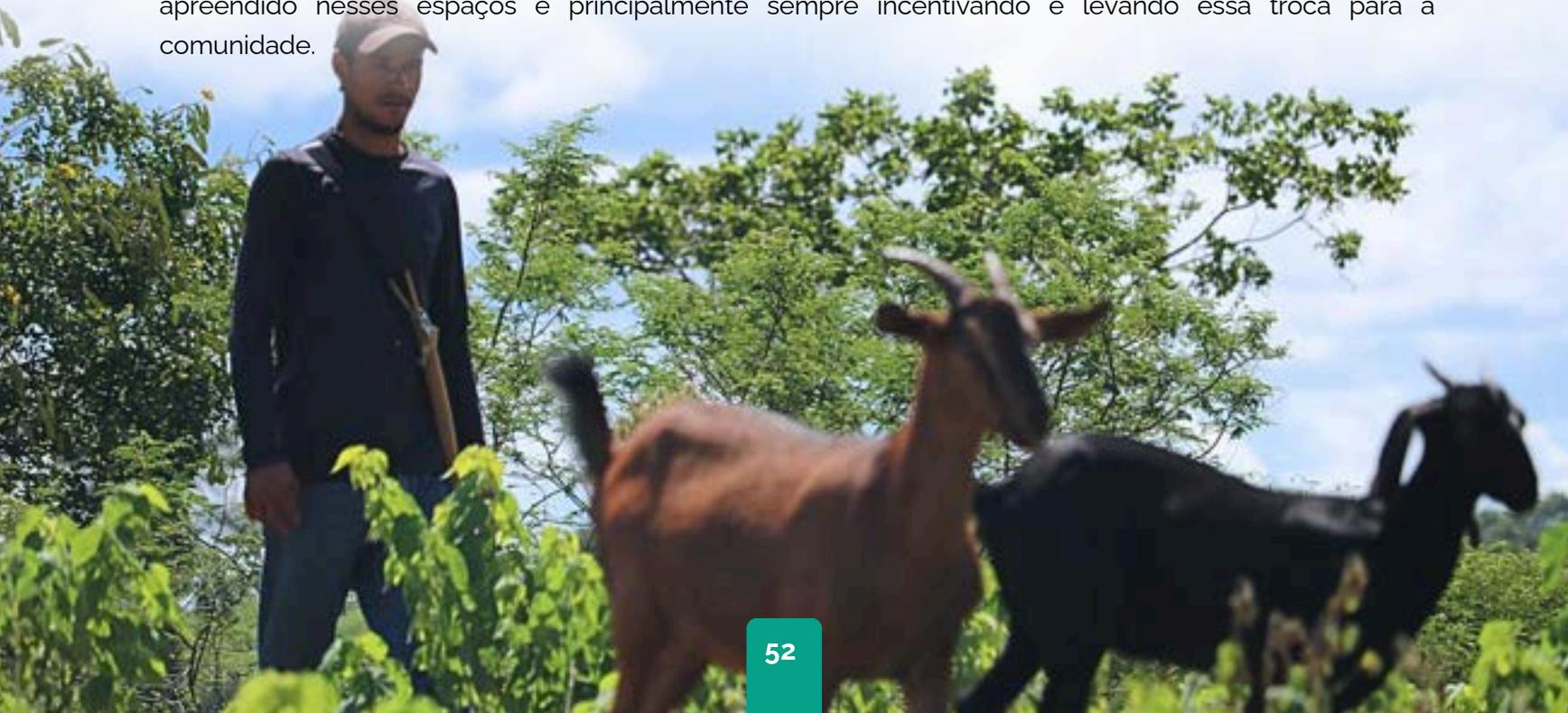
Em conversa Diego relata: *“comecei a perceber que tinha como desenvolver um pouco mais minha atividade que era criação de caprinos e ovinos fui orientado sobre a importância de acesso ao crédito do Agroamigo para assim beneficiar a minha UPF (Unidade de produção Familiar), para poder desenvolver minha atividade mais organizada e assim eu conseguir organizar melhor minha atividade. Hoje agradeço ao MOC por ter proporcionado esse projeto que veio para a nossa comunidade, beneficiar eu e outros agricultores também. Eu percebi que com os cursos, visitas, a participação na associação, ficar na propriedade temos como ter uma vida digna, eu como jovem vejo muitos outros jovens indo para outros estados e hoje percebo que aqui conseguimos viver e viver bem quando acreditamos que a nossa propriedade consegue nos dar renda, isso depende de cada um de nós. Hoje eu vivo de minha propriedade, através dela eu já conseguir comprar outra área de terra para poder levar minhas criações quando as roças daqui onde eu moro acabar a comida para os animais”.*



A História de Diego tem um marco o marco importante, com toda a troca de conhecimento e compreensão do seu lugar enquanto jovem, ele começou a assumir cargos dentro da associação e atualmente ele é presidente da associação comunitária da comunidade.

"...onde pela história da comunidade nunca teve um jovem que fosse presidente da associação e hoje estou eu presidente desta entidade gerindo junto com os demais diretores essa organização, coma maquina agrícola (trator) que temos na comunidade, levantamos recursos, fazemos a prestação de contas para os sócios mensalmente. Ah, outro momento que mudou a minha vida participei do intercambio de juventude no ano de 2021 proporcionado pela a chamada de agroecologia, eu notei que também existe muitos jovens como eu que conseguem empreender e viver bem em suas propriedades, foi muito valioso participar deste intercambio porque trouxe muitas ideias para minha propriedade, como também para nossa associação da comunidade..."

Vale dizer que sem a juventude não há agroecologia, exemplo do jovem Diego Oliveira que sempre foi bem participativo nas atividades, como dia de campo, intercâmbios e cursos. Com essa participação, ele levava essas experiências aprendidas e adotava na sua propriedade, pondo em prática o que tinha apreendido nesses espaços e principalmente sempre incentivando e levando essa troca para a comunidade.



**“A chegada do técnico do MOC mudou
muita coisa, ele ouviu a gente e agente
ouviu ele e depois fizemos nossa horta
para nosso alimento”**

Joana Sousa,
Comunidade de Baixa, Araci- BA





Dona Joana e José Antônio, moradores da comunidade de Baixa, município de Araci-Ba, compartilham uma história inspiradora sobre as mudanças vivenciadas por sua família por meio da participação na Chamada Agroecológica, conduzida pelo MOC.

“Em 2020, em meio ao desafiador cenário da pandemia e após uma breve aliviada, retomamos gradualmente nossa participação na associação comunitária. Sempre engajados, contribuimos com movimentos da comunidade, participando mensalmente de mutirões para bancos de sementes e outras ações comunitárias”, conforme Dona Joana relata.

Nesse contexto, o MOC realizou, entre os meados e o final de 2020, uma visita técnica à família de Dona Joana para prestar assistência técnica e extensão rural no projeto da Chamada de Agroecologia. Diante do distanciamento social provocado pela pandemia, esse projeto de chamada pública revelou-se de grande importância. *“Através desse acompanhamento, fui orientada sobre a relevância de produzir alimentos de qualidade e saudáveis para nosso consumo. Assim, iniciamos o desenvolvimento dessa atividade de produção para o nosso consumo, uma vez que há algum tempo havíamos interrompido a produção desses alimentos devido à priorização de outras atividades, como a criação de pequenos animais, como cabras e ovelhas”, comenta Dona Joana.*

“Neste período desafiador da pandemia, o medo de sair de casa e de receber visitas era uma constante. A chegada do técnico do MOC foi um divisor de águas, orientando-nos a implantação de nossa horta para a produção de alimentos. Iniciei o plantio dos canteiros de hortaliças para nosso consumo, marcando o início de uma jornada transformadora em nossa propriedade”, relata Dona Joana.

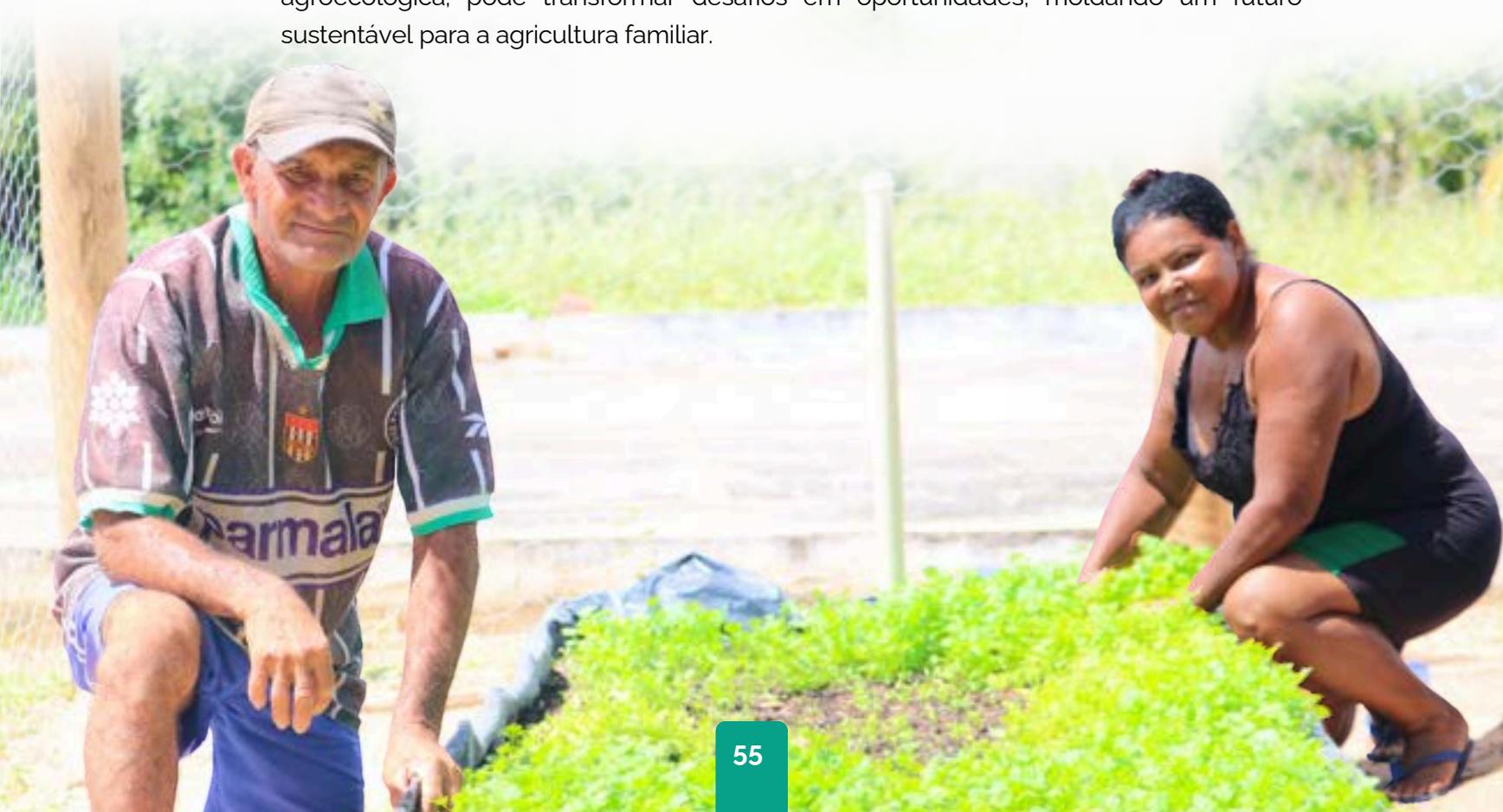
Inicialmente motivada pela necessidade de priorizar a criação de pequenos animais, Dona Joana logo percebeu o potencial da horta familiar. *“O quintal produtivo, com a diversidade de hortaliças, como coentro, cebolinha e couve, não apenas elevou a qualidade de vida da família, proporcionando alimentos livres de agrotóxicos, mas também gerou renda pela venda do excedente à vizinhança”.*



A participação ativa em atividades como visitas, dias de campo, intercâmbios e cursos fortaleceu a família, que aplicou com sucesso as experiências aprendidas na Unidade Produtiva Familiar (UPF). Estratégias inovadoras, como o uso da calda de pimenta para controle de pragas, destacam o compromisso da família com práticas sustentáveis.

O impacto do seminário de mulheres, promovido pelo projeto da chamada de agroecologia em Conceição do Coité, transcendeu a esfera da produção agrícola, melhorando significativamente a divisão justa de trabalho na família. Os diálogos com o Sr. José Antônio resultaram em uma contribuição mais ativa nas tarefas domésticas, redefinindo padrões tradicionais.

A trajetória de Dona Joana e sua família é um testemunho de como a resiliência, aliada ao suporte de uma Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) com base agroecológica, pode transformar desafios em oportunidades, moldando um futuro sustentável para a agricultura familiar.





“Essa chamada foi muito importante, deu orientação a gente de como produzir alimentos saudáveis, para o nosso consumo e bem nesse tempo da covid, a gente só agradece mesmo.”

Josina Góes,
Comunidade de Baixa, Araci- BA



Dona Josina e seu esposo José Andrade, residentes na comunidade de Baixa, município de Araci-Ba, compartilham uma inspiradora jornada de mudanças impulsionada pela participação na Chamada Agroecológica, executada pelo MOC. Pais de seis filhos, a família integra a associação da comunidade desde sua fundação em na década de 90.

“Em 2020, durante o conturbado período da pandemia do COVID-19, após uma breve aliviada e com a liberação de reuniões coletivas nas comunidades, retomamos a participação na associação comunitária. Meu esposo é o presidente, e sempre estamos engajados nos movimentos da comunidade. No final de 2020, recebemos a visita de um novo técnico do MOC para nos orientar na propriedade com o projeto da Chamada de Agroecologia. Essa chamada foi muito importante, deu orientação a gente de como produzir alimentos saudáveis, para o nosso consumo e bem nesse tempo da covid, a gente só agradece mesmo”, relata Dona Josina.

O MOC, por meio de acompanhamento e orientações técnicas, desempenhou um papel crucial no fortalecimento das iniciativas de quintais produtivos na comunidade, orientando a diversificação na plantação e a inclusão de pequenos animais, como galinhas caipiras, inicialmente orientados para o consumo próprio. *“Em um contexto desafiador, no qual as idas ao mercado ou à comunidade mais próxima para adquirir alimentos tornaram-se difíceis devido ao receio de contrair o vírus da COVID-19, buscamos o incremento na renda através das vendas do excedente da produção. Esse excedente foi vendido localmente e para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) municipal, por meio de uma associação parceira da comunidade, contribuindo significativamente para o aumento da renda familiar”,* relata Dona Josina.

No ano de 2022, a família foi beneficiada com o projeto de reuso das águas cinzas pelo projeto-piloto do MOC, um sistema de reaproveitamento da água de pia e banho para a irrigação do pomar. *“Essa tecnologia veio em um momento oportuno. Hoje, utilizamos essa água apenas para regar as árvores frutíferas, contribuindo significativamente para que possamos conviver com o semiárido durante todo o período do ano com o reuso das águas para a produção”,* destaca Dona Josina.



Participativa em todas as etapas da Chamada Agroecológica, a família se envolveu em atividades como dias de campo, intercâmbios e cursos, sempre buscando aprender e aplicar novas experiências na Unidade Produtiva Familiar (UPF). O intercâmbio em Riachão do Jacuípe, onde participaram de várias práticas agroecológicas de produção (consórcio de culturas, rotação de culturas, cobertura morta, adubação orgânica e controle alternativo de pragas), exemplifica essa troca de conhecimentos. A experiência resultou em benefícios significativos para o aumento da produtividade no quintal produtivo.

Na Unidade Produtiva Familiar, é perceptível o envolvimento de toda a família, com José Andrade e seus filhos contribuindo nas lidas diárias na Unidade Produtiva Familiar (UPF) e nos afazeres domésticos junto a Dona Josina. Essa abordagem colaborativa destaca a coesão familiar na busca por práticas agroecológicas e sustentáveis na agricultura familiar.





**“porque nada
que planto aqui
eu boto veneno”**

Leandra Cerqueira,
Comunidade de Lagoa Queimada,
Baixa grande - BA.



Dona Leandra Maria Cerqueira da Silva, conhecida carinhosamente por Léa, moradora da comunidade de Lagoa Queimada, município de Baixa Grande-BA. Mãe solo de um filho que se chama Arthur, dentre tantas funções que desenvolve com cuidado da casa e filho, ainda cuida da sua mãe e da sua avó, ambas idosas. Ela ainda tem produção de hortaliças e frutas, cria galinhas para consumo e o excedente comercializa, uma parte na comunidade e outra leva toda semana para feira da cidade.

A participação social foi e é um instrumento de grande importância na vida de Dona Leandra, é presidente da associação comunitária e também é sócia do sindicato. Ainda assim, busca cada vez mais aprimorar seu conhecimento, pois acredita que só a informação liberta e atualmente cursa pedagogia na modalidade EAD pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB.

A família de Dona Leandra já produzia alimentos, porém tempos difíceis foram vivenciados durante a pandemia do COVID-19, segundo Dona Leandra: *"um momento muito difícil aqui foi na pandemia em 2020, que tive que parar de botar barraca na cidade por conta do coronavírus, minhas economias foram para o vermelho, mas venci".*

E foi em meio a este momento difícil passado por sua família, que teve acesso a ATER através da chamada pública de ATER Agroecologia. Um conjunto de ações que a assessoria possibilitou a ampliação e melhoria dos subsistemas da sua propriedade. Com a participação dos espaços de formações coletivos e individuais, a troca de conhecimento e a adoção de novas práticas promoveram uma melhor diversificação da sua área de quintal produtivo, seu foco maior é a produção de hortaliças e plantas fruteiras.

E nesse subsistema de quintal produtivo que Leandra tem melhorado sua renda e também sua segurança alimentar.

"A minha luta aqui é muito grande levanto cedo já tenho logo que cuidar da casa e do café para mim e meu filho ir pra escola, depois vou lá na casa de mãe cuidar dela e de vó. Venho aqui pra cuidar da horta, as vezes eu preciso ir buscar adubos orgânicos na roça dos vizinho para botar na horta, porque nada que planto aqui eu boto veneno. O mais difícil aqui pra mim é que além de ser sozinha pra tanta coisa. Em época de estiagem que falta água sou obrigada a parar de produzir, mas não costumo reclamar da vida".

É com a perseverança de uma mulher sertaneja que Leandra vem transformando sua vida, ela também foi contemplada pela caderneta agroecológica, e através das suas anotações encontrou o olhar preciso para entender a dimensão e tamanho do seu trabalho.



**“participei de
muitos cursos onde
contribuiu para me
valorizar mais como
mulher e saber que
eu sou capaz de
fazer o que eu
quiser”**

Dona Maria José,
Comunidade de Lagoa Ferrada,
Conceição do Coité - BA





Maria José Santos, mulher negra, agricultora, mãe de 4 filhos, esposa do Sr. José Silva, da comunidade de Lagoa Ferrada, município de Conceição do Coite, conta a importância do MOC na transformação da sua vida, através das inserções dela nos espaços de formações.

“O MOC ajudou a gente em tudo, hoje a gente sabe plantar e cuidar da terra para ser mais produtiva, nossa produção hoje é agroecológica e nos consumimos alimentos de qualidade”.

A senhora Maria José conta que sempre plantou para o consumo, mas em 2011, com a chegada da assessora técnica e a cisterna de produção a vida dela mudou, pois na comunidade não tinha trabalho para ela ter uma renda, foi então com as orientações passados pelos técnicos, hoje ela tem um quintal produtivo, onde tudo que produz ela consome e o que sobra vende, com isso passou a ter sua própria renda, afirma ela:

“Hoje sei da valor a cada manga , a cada laranja que pego do meu quintal , pois são elas que soma na minha renda no final do mês, antes a gente tudo que tinha na propriedade quando chegava alguém era pra da, hoje através das formações que participei, passei a vê nossa propriedade como uma fonte de geração de renda. Ela ainda diz que minha vida não só mudou na parte financeira não, mais também no conhecimento, já fui presidente de associação da comunidade, já fiz parte do grupo de produção, participei de muitos cursos onde contribuiu para me valorizar mais como mulher e saber que eu sou capaz de fazer o que eu quiser”.

Maria José afirma que essa prática de vender seu produto aumentou muito no período da pandemia, pois como a propriedade dela tinha algumas fruteiras as pessoas iam lá comprar. *“Quando a pandemia chegou todo mundo ficou com medo de ir na cidade comprar as coisas, então como eu tinha manga laranja, batata doce, as pessoas não precisavam sair da comunidade pra comprar elas vinham até minha casa e comprava”.*



No final de 2020, o município de Conceição do Coité, recebeu a Chamada de ATER Agroecologia, do governo do estado da Bahia, mais uma vez executada pelo MOC, em parceria com a BAHIATER/SDR, onde a comunidade de dona Maria José foi contemplada e ela pôde ser acompanhada.

Essa chamada proporcionou inúmeras estratégias fundamentais para o desenvolvimento das propriedades, como dia de campo, cursos, intercâmbios com trocas de experiências entre agricultores de outros municípios, e também com um destaque especial a utilização da caderneta agroecológica para mulheres. Sendo dona Maria uma delas, onde a partir do uso da mesma, ela começou a identificar ainda mais os potenciais da propriedade, pois anotava tudo que era consumido, doado, trocado e comercializado, a partir da produção do agroecossistema, especialmente do quintal produtivo. Assim, dona Maria José afirma: *"antes eu não tinha o costume de fazer essas anotações, mas hoje vejo como é importante, pois tem muita coisa que não preciso comprar fora porque minha propriedade me dar. Espero que esses projetos nunca acabem, eles são muito importante para gente, espero também que mais pessoas possam fazer parte dele, só tenho que agradecer por tudo"*.





“não conseguimos
viver sem nosso
criatório de
galinhas e nosso
quintal produtivo”

Necival Xavier,
Comunidade de Boa Vista,
Conceição do Coité - BA





Dona Necival Xavier da comunidade de Boa Vista, Conceição do Coité, esposa de Jose Pinto mãe de três filhos, conta sobre as transformações que os movimentos sociais em especial o MOC, trouxeram para a sua vida

“Em 2019 voltamos da cidade para morar novamente na nossa propriedade, depois de anos vivido em Coité a procura de melhoria de vida e garantir estudos para meus filho, começamos a participar da associação comunitária da nossa comunidade, que eu fazia parte sempre dos movimento da comunidade, foi ai que no final de 2020, a agente de saúde que era a presidente da associação me indicou ter uma técnica orientando a gente na propriedade”.

Nesse período, segundo dona Necival, foi uma época desafiadora e importante para a vida, não só da família, como também da comunidade, foi o momento que chegou a COVID-19, e também a chamada de Agroecologia. Em meio a esse distanciamento da sociedade causado pela pandemia, a chamada teve uma grande importância para a família, pois foi orientada sobre a importância de produzir alimento de qualidade e saudável para seu consumo, assim segundo ela tudo era muito difícil, até mesmo, ir ao mercado comprar alimentos era complicado por medo de contrair o vírus, conta, dona Necival: *“A gente tinha medo até de sair de dentro de casa, e de receber alguém, foi ai que nesse período a técnica do MOC, nos orientou a fazer nossa horta para produzir nosso alimento e assim nos fez[...] de início plantamos só pra nosso consumo, daqui a pouco o pessoal ficou sabendo e vinha comprar na nossa mão[...] nos que antes só criava bovinos hoje vemos que não conseguimos viver sem nosso criatório de galinhas e nosso quintal produtivo, porque é deles que tiramos nosso coentro, cebolinha, ovos[...] temos uma qualidade de vida melhor [...]e também o que sobra a gente vende”.*

Inclusive, dona Necival, sempre foi bem participativa nas atividades, como no dia de campo, intercâmbios e cursos. Com essa participação, sempre aprendia alguma coisa nova e levava pra casa onde colocava em prática o que tinha apreendido nesses espaços, como ela mesmo diz *“eu sou uma pessoa muito curiosa e gosto de tentar fazer as coisa que acho interessante e foi em um desses curso que participei que apreende fazer sequilhos, tempero onde hoje já estou fazendo e vendendo aqui na minha comunidade mesmo”.*



É importante ressaltar a divisão de trabalho na unidade produtiva familiar, onde o Sr. Jose ajuda dona Necival, tanto nas tarefas doméstica, como nas atividades produtivas da UPF.

Um marco importante nesse ano de 2023 foi à participação de dona Necival na feira da agricultura familiar do município de Conceição do Coité, onde ela conta muito feliz sobre sua participação, *"eu amei por nunca tinha participada [...], foi mais um aprendizado pra me, gostei porque a gente fica por dentro dos preços , de como faz a coisa pra não tomar prejuízo, fiz muitas amizade com outra colegas que já participa a tempo de feiras, e com isso elas me orientaram muito, e em nome de Jesus sempre quero participar[...], e quando as coisas melhorar mais, tenho certeza que vou aumentar minha produção"*.

A woman with grey hair, wearing a brown t-shirt, stands in a lush garden. Behind her is a brick wall and various green plants. The image has a soft, colorful gradient overlay on the right side, transitioning from yellow to green.

**“O MOC
chegou como
uma luz
pra a gente”**

Dona Ducilene Lima,
Comunidade de Boa Vista,
Conceição do Coité - BA



Ducilene Lima e Antônio Ferreira são exemplos de agricultores familiares, da comunidade de Boa Vista, no município de Conceição do Coite. A senhora Ducilene conta que antes do MOC chegar à propriedade da família a vida era mais difícil, pois eles nunca acessaram nenhum tipo de política pública para ajudar no desenvolvimento da propriedade, com isso, a maioria dos seus filhos tiveram que sair de casa cedo em busca de melhoria de vida, e seu esposo também, para garantir o alimento da família. Como conta a Sr^a, Ducilene: *“O MOC chegou como uma luz pra gente, porque antes na nossa comunidade não tinha nada para gente ter como uma geração de renda, a gente não podia plantar e criar porque não tinha água, com isso para sustentar a família meu esposo tinha que trabalhar fora e eu ficava sozinha mais os meninos, com a chegada do MOC nós ganhou um barreiro trincheira, pra nós foi muito importante, porque foi daí que passamos a produzir hortaliça pra o consumo e vender, e também começamos a criar umas cabecinhas de ovelhas o que antes não tinha como”*.

A família conta que já tem quase 10 anos com acompanhamento do MOC, mesmo com alguns intervalos, porém para eles é muito importante. A senhora Ducilene relata que através do acompanhamento técnico ela aprendeu muito a cuidar da terra, como adubar, como fazer o plantio correto, além disso, a assessoria técnica proporcionou a família à permanência no campo, pois através das orientações, da troca de conhecimento, dia de campo e intercâmbios que a família participou, começaram a colocar em prática a produção de hortaliças não só para o consumo mais também para a venda em domicílio. O senhor Antônio conta que: *“hoje eu não preciso mais ir trabalhar longe, pra ter meu dinheiro, o que a gente produz já diminui muita coisa pra gente não precisar comprar fora, e o que nos vende já compra o que falta”*.

Na casa de dona Ducilene, hoje moram, seu esposo e sua filha Vânia, uma jovem, que traz um relato muito importante sobre sua mãe: “[...]minha mãe hoje em comparação a alguns anos atrás é outra pessoa[...] mãe que antes nem a boca quase abria, hoje graças a esses espaços de formação que o MOC proporciona para as famílias, ela se desenvolveu bastantel[...], fico muito feliz em ver ela assim”.



Na casa de dona Ducilene, hoje moram, seu esposo e sua filha Vania, uma jovem, que traz um relato muito importante sobre sua mãe: *"minha mãe hoje em comparação a alguns anos atrás é outra pessoa[...] mãe que antes nem a boca quase abria, hoje graças a esses espaços de formação que o MOC proporciona para as famílias, ela se desenvolveu bastante, fico muito feliz em ver ela assim"*.

A família diz que graças a ATER, hoje já tem acesso a algumas políticas públicas como o crédito do PRONAF, garantia safra, onde essas políticas contribuiu e contribuí até hoje para o desenvolvimento da propriedade. Assim, dona Ducilene, ressalta: *"a gente não tinha conhecimento do empréstimo do PRONAF, hoje a gente já tira, para investir na roça e isso ajuda a gente bastante, a gente tirar também o garantia safra no ano que não tem colheita"*.

Hoje a família tem uma propriedade diversificada, onde tem seu pomar com diversos fruteiras, horta, cria seus animais como galinhas e ovelhas, segundo a família isso foi graças as orientações técnicas que mostrou caminhos para chegar ao nível da propriedade que se tem hoje.



Dona Ducilene foi uma das agriculturas que ganhou a caderneta agroecológica e conta com muita alegria, como a ajudou muito no dia-a-dia, pois passou a ter o controle da produção, das vendas, doação e troca, coisa que nunca anotava. A senhora Ducilene, teve pouco estudo, então ela pedia para a sua filha fazer as anotações e para ela, era um dever de casa, todos os dias passar as informações para sua filha.



A woman wearing a brown cap and a floral shirt is smiling and holding a black goat kid. The background shows a rural setting with trees and a green structure. A decorative graphic of orange triangles is on the left side.

**“através da ATER
do MOC eu tive
uma evolução
muito grande na
organização
social de minha
família”**

Dona Ailia Andrade,
Comunidade de Laranjeira,
Pintadas - BA



Dona Ailia Andrade de Souza moradora da Comunidade Laranjeira município de Pintadas-BA, agricultora familiar, casada, assim como muitas nordestinas teve que ir embora para São Paulo em busca de oportunidades de trabalho.

"Eu vivia aqui com muita dificuldade, fui para São Paulo tentar tramalhar, mas não gostei, não me adaptei e voltei, e foi logo que retomei que tive a sorte de ta chegando um projeto na comunidade. Eu nunca tive nada e nem a documentação direito, eu tinha", diz Aila.

A ATER Agroecologia foi a primeira experiência da família, assim como citado acima, a família nunca havia acessado quase nenhuma política pública e foi graças a essa assistência que a família conseguiu regularizar a documentação e ter acesso ao conjunto de políticas públicas que foram necessárias e importante para estrutura sua propriedade. Outro avanço da família foi sua inserção nos espaços organização social, passou a participar da associação comunitária, do sindicato dos trabalhadores/as rurais do município, espaços estes que promoveram a família a compreender seu lugar enquanto agricultores familiares e buscar caminhos para acessar aos programas de fortalecimento da agricultura familiar.

Ela completa, *"Através da ATER do MOC eu tive uma evolução muito grande na organização social de minha família, a gente conseguiu a ter a DAP, daí conseguimos o credito do Agroamigo do Banco do nordeste, nos escrevemos e acessamos ao seguro safra, me filiei a cooperativa SERDOSERTA, ode forneço algumas fruta "acerola, umbu...", além de estarmos sempre participando de cursos, dias de campo intercâmbios que são muitos maravilhosos, tem as visitas do técnico aqui em nossa propriedade que sempre nos dá ótimas dicas em nossa produções, [...] aqui a gente cria ovelhas, galinhas, patos, saques, gado, porco e outros animas".*

Mesmo com toda adversidade encontrada neste período, principalmente por conta da COVID-19, a família de Aila, traduz os verdadeiros impactos de ATER Agroecologia, que vai além das ações técnicas, mas principalmente pela condição de mobilizar e semear a mudança na vida, a partir da participação social, da mudança nos hábitos de plantios e manejos, e também da melhoria da sua renda econômica. A família apresentará um elevado nível de satisfação com os resultados alcançados, bem como demonstra interesse em ampliar a área de plantios e criação de animais, acreditando que a ATER deve continuar para que isso aconteça.

A woman wearing a wide-brimmed hat and a patterned shirt is crouching in a raised garden bed. She is tending to rows of young lettuce plants. The garden bed is bordered by concrete blocks and has black plastic mulch. In the background, there are more garden beds and a trellis structure. The image has a green and yellow gradient overlay on the left side.

**“A gente não
pode perder
a fé, mas
logo, logo vai
chover pra
nós, com fé
em Deus”.**

Vilma Machado,
Comunidade de Coração de Jesus,
Pintadas - BA



Dona Vilma Machado Andrade, moradora na comunidade de Coração de Jesus, município de Pintadas-Bahia. Dona Vilma é mãe solo criou 3 filhas e já tem 2 netas, ambas filhas não residem mais com ela. A sua propriedade tem uma produção bastante diversificada de fruteiras, e um elevado potencial no cultivo de hortaliças é nesse pequeno espaço do quintal produtivo que a família garante sua maior renda. A sua produção é toda comercializada na feira livre do município de Pintadas.

"Todas as segundas-feiras bem cedo, lá para meia-noite já estou de pé para carregar o carro para ir cidade, onde em nossa barraca comercializamos toda a produção na feira, vendemos os diversos tipos de cheiros verdes como: coentro, alface branco e do roxo, rúculas, cebolinha, pimentão, tomate, salsa, além das frutas, goiaba, lima, laranja, limão, pinha, essa ai nossa senhora a gente consegue fazer um dinheiro bom na época da safra, coco, acerola seriguela, manga, banana... Mas assim a gente só consegue ter essa diversidade toda nas épocas das águas... Porque aqui é uma luta pra conseguir água temos nosso barreiro, cisterna de produção que é uma benção, além da cisterna pra consumo humano, mas mesmo assim na época da estiagem precisamos comprar água, agora mesmo já estamos desde maio comprando água pagamos mais de R\$ 100,00 em um caminhão que não dar nem pra uma semana, porque mesmo reduzindo nossa área ficamos produzindo só na área do viveiro que é mais fresca, ainda precisamos de muita água, para produzir uma quantidade para garantir a fidelidade de nossos clientes na feira. Na feira sempre vem barracas de fora que eles utilizam veneno pra produzir, aqui na nossa não, não uso nada de veneno tudo natural da semente aos adubos que utilizamos em nosso canteiro".

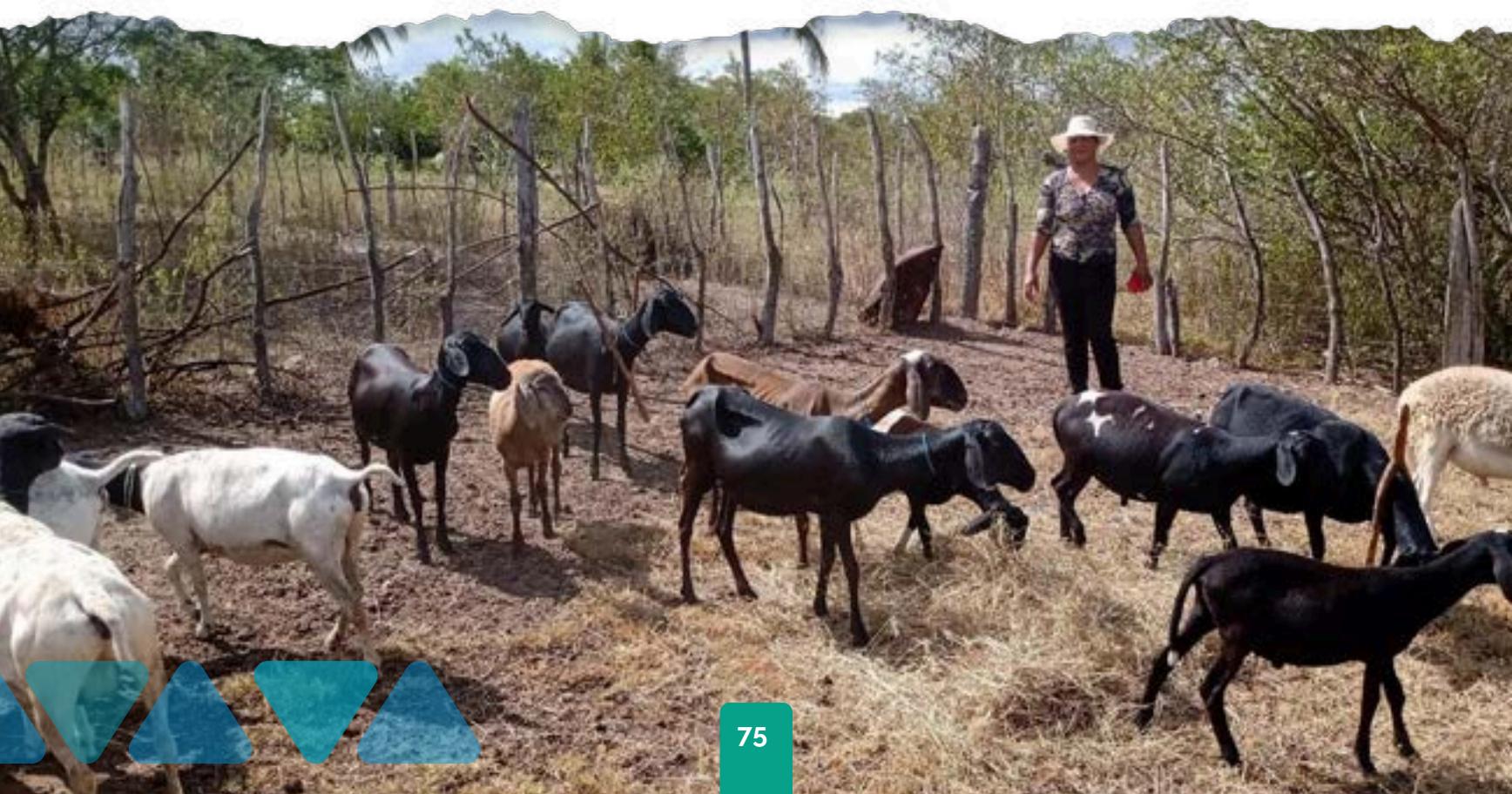
Dona Vilma desde antes já tinha um processo de produção estabelecido, mas a ATER Agroecologia chegou para potencializar o que já praticava. A família foi contemplada pelo projeto do edital 15, com quintal produtivo, do governo do estado. Que teve orientação técnica e acompanhamento para instalação, como também para manejo do solo e para melhorar da produção. E assim minimizar as necessidades do uso das águas, a partir do sistema de irrigação o que facilitou e diminui o trabalho da Dona Vilma.



Dona Vilma, mulher resistente fala com fé da sua luta na propriedade. *“A gente não pode perder a fé, né, porque se a gente perder a fé, a coisa fica ruim. Agora tá muito seco, mas logo, logo vai chover pra nós, com fé em Deus”.*

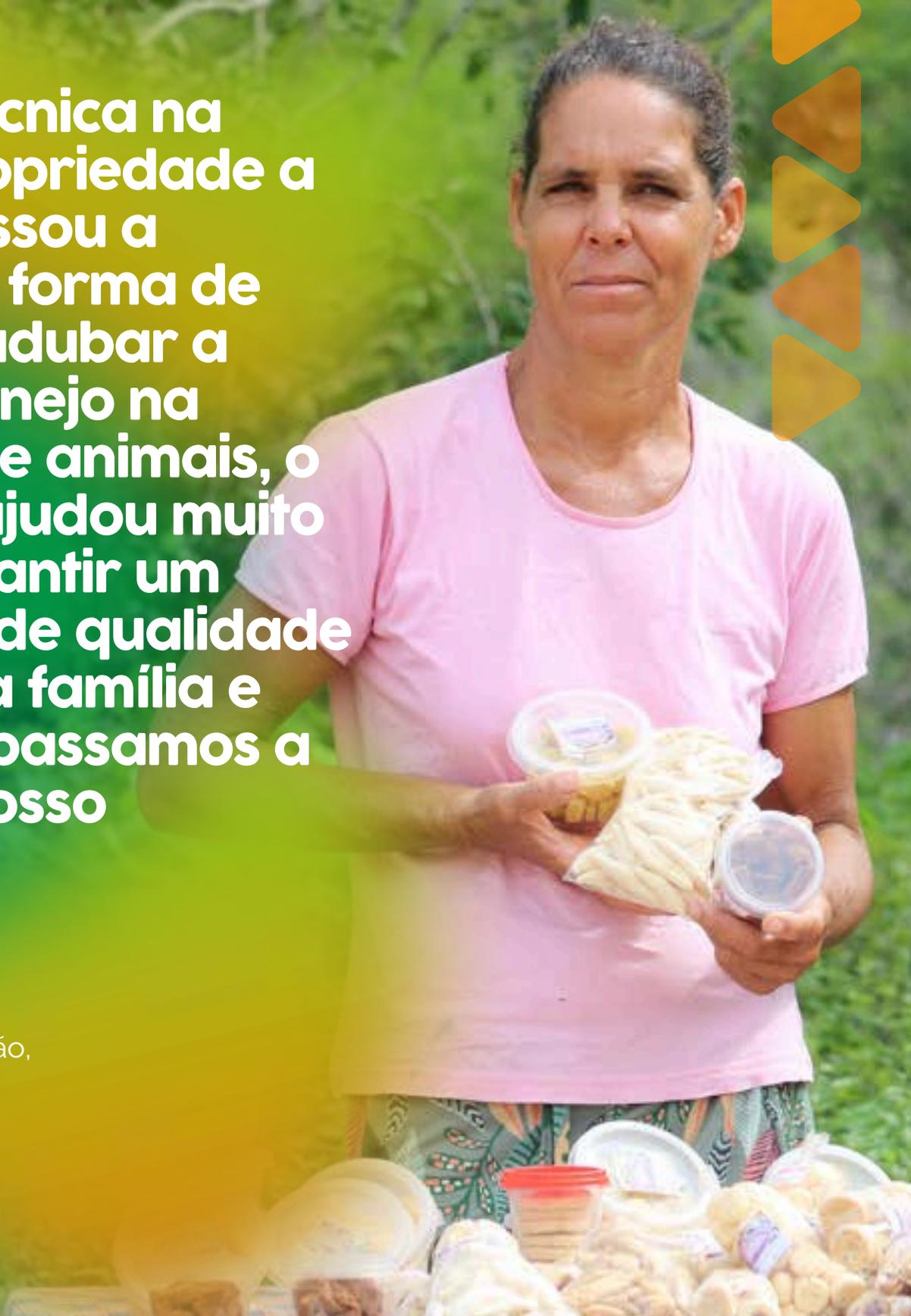
Ela, através da sabedoria popular completa o que já observou diante do período de estiagem, “todo ano que termina com 3 tem seca brava aqui: 93 teve, teve uma em 2003, teve em 2013 e agora 2023. Ano que termina com 3 já tem que se preparar”.

Conhecer para transformar, assim fica a mensagem de Dona Vilma. É preciso entender o ciclo da natureza e com ela aprender, saber trabalhar e aproveitar o que a terra tem de melhor para semear.



**“com a técnica na
nossa propriedade a
gente passou a
conhecer forma de
plantar, adubar a
terra, manejo na
criação de animais, o
que nos ajudou muito
para garantir um
alimento de qualidade
pra nossa família e
também passamos a
vender nosso
produto.”**

Sandra Ferreira,
Comunidade Bastião,
Retirolândia- BA





Sandra Ferreira e seu esposo Antônio Carlos, são exemplos de agricultores familiares que não tiveram medo de inovar. Em 2011 o MOC, chegou na comunidade Bastião, município de Retirolândia, o qual eles residem, para prestar assessoria técnica aos agricultores e agricultoras familiares, sendo eles uns dos contemplados. Dona Sandra conta com muita convicção que depois da chegada da assessoria técnica do MOC, na propriedade a vida deles mudou, pois a família já desenvolvia algumas produções, porém sem muito conhecimento de técnicas que pudessem ajudar a desenvolver sua produção, como diz dona Sandra:

“Assistência técnica pra nós chegou como uma luz pra clarear nossos caminhos, pois antes nós só produzia para o consumo, e algumas vezes para os vizinhos a gente vendia um pouco, mas sem muito estrutura para comercializar[...], com a técnica na nossa propriedade a gente passou a conhecer forma de plantar, adubar a terra, manejo na criação de animais, o que nos ajudou muito para garantir um alimento de qualidade pra nossa família e também passamos a vender nosso produto.”

O ATER na propriedade foi o que impulsionou a família mostrar seus potenciais, através dos cursos, intercâmbios e capacitações que eles participaram, fez com que eles colocassem em prática o que aprenderam na sua propriedade e também na sua vida social, onde Sandra reforça a importância de esta nesses espaços: *“nossa vida mudou muito não apenas na produção e comercialização, mas também hoje faço parte do movimento de mulheres, onde foi através do incentivo da técnica que estou nesse lugar [...], hoje fazemos parte da feira da agricultura familiar do nosso município onde comercializamos nossos produtos, todos os sábados também faço parte de rede da agricultura familiar, que pegam feiras em outras cidades[...] já viajamos mais de dez municípios pra expor nossos produtos”.*

Na comunidade de Bastião onde a família reside tem uma associação e um banco de sementes onde a senhora Sandra é uma das guardiãs das sementes crioulas. Ela conta com muitas alegrias que já guardava suas sementes em sua casa, mas não com tanta diversidade, e foi através desse projeto do banco de sementes que ela pegou mais o gosto por colecionar essas sementes, mas dessa vez no banco da comunidade.

Em 2020 com a chegada da pandemia o mundo parou e não foram diferentes no município onde a família de Dona Sandra reside, infelizmente eles, tiveram que enfrentar também essa situação, como conta o esposo de dona Sandra o Sr. Antônio: com a pandemia a gente teve que diminuir nossa produção porque não tinha lugar pra vender, nossa sorte era as pessoas das comunidades vizinhas que sabia que nos tinha produto pra vender, ai vinha comprar[...],graça Deus vencemos.

A família hoje se encontra em um bom nível de desenvolvendo na sua propriedade, segundo eles isso se deu através dos acessos às políticas públicas que os mesmos conseguiram ter, como; cisterna de consumo e a de produção do programa P1+2, onde é nela que a família faz seu plantio de hortaliças, e são vendidas na feira da agricultura familias, acesso ao crédito do PRONAF, onde fez melhorias e benfeitorias na propriedade, e também acessa ao PAA e PNAE do município onde entregam sequilhos, o que foi fruto dos cursos que participaram através da técnica Tainá.





Além de acesso às políticas públicas hoje a família já consegue com recursos próprios desenvolverem benfeitorias na sua propriedade como a perfuração de um poço artesiano, onde o mesmo é importante para a produção de capim para alimentar os animais, reforma de cerca, aquisição de um automóvel para levá-los as feiras, e como dona Sandra diz: *“a gente ganhou muitos projeto que incentivou na nossa produção e comercialização e hoje através deles já temos uma renda que podemos tirar para suprir as nossas necessidades, [...]pude vê minhas rendas com mais clareza quando ganhei a caderneta agroecológica, foi através dela que a gente viu a quantos produtos temos na nossa propriedade que não precisamos comprar...!”*.

Dona Sandra é muito grata ao MOC por esse trabalho, pois hoje a família sobrevive com uma boa parte da produção retirada da sua propriedade, e ainda diz que muitas famílias precisam passar por esses espaços de formações, pois é importante para uma mudança de vida com qualidade.



“hoje eu sou muito feliz, já participei de vários cursos do MOC”

Iracema Cunha,
Comunidade de Sossego,
Retirolândia- BA



Em 2016, o MOC, chegou à comunidade do Sossego município de Retirolândia-Ba, visando prestar acessória técnica para agricultores e agricultores familiares, e com a chegada dele veio o desejo de mulheres que antes precisavam sair de suas propriedades em busca de trabalho, a se organizarem para a criarem um grupo de produção, assim conta Iracema da Cunha: "em 2016 pedimos o espaço da associação, para começar a fazer os sequilhos, mas antes nossa técnica Taina do MOC, levou eu e mais três amigas, para tomar um curso de sequilhos na comunidade do bastião, voltaram e pediram ao presidente da associação o espaço para começar a nossa produção, não foi fácil, eu trabalhava na minha casa, na casa de outras pessoas e a noite ia fazer sequilhos, e minhas amigas ainda trabalhava no motor de sisal longe da comunidade, mas hoje eu sou muito feliz, já participei de vários cursos do MOC, temos equipamentos".

O grupo no início passou por muitas dificuldades, não foram poucas, pois elas não tinham equipamentos adequados e suficientes para a produção, algumas coisas tinham que pedir emprestados para fazer a produção, mas mesmo assim elas não desistiram, afirma Iracy da Cunha: "Lembro que a noite me juntava e minha amigas, na casa da associação, nosso fogão era pequeno emprestado, as bandejas era da nossa casa, minha amiga levava a filhinha que dormia no carrinho de mão, mas a nossa técnica do MOC com o sindicato, escreveu um projeto para construir um espaço para produzir nossos sequilhos bolo, e não é que deu certos risos, hoje tem a casa prontinha graças a elas, e nossa vontade, não desistimos nas dificuldades".





Em 2019, veio à pandemia que afetou todos inclusive o grupo de produção, onde elas tiveram que diminuir muito a produção delas, mas mesmo assim não desistiram diante do cenário e retomaram suas produções quando tudo foi normalizando depois da pandemia, e voltaram a vender para o PNAE municipal e PAA, mercados institucionais que contribuir bastante para a existência do grupo.

O grupo tem um destaque especial na questão da juventude, pois é formado por sua maioria de jovens que tem o objetivo de permanecer na sua localidade de maneira digna e com qualidade de vida tanto no financeiro como social, como relata as jovens Rutemeire Fabiana: *"Eu mim chamo Rutemeire faço parte do grupo de produção de mulheres, hoje o grupo de produção mudou a minha vida, porque antes eu se dedicava ao motor de sisal e hoje eu dedico mais ao grupo de produção que é uma renda extra para mim,[...], através desse grupo participei de cursos e aprendi a fazer biscoitos, vendendo para merenda escolar o PNAE e também ao PAA, produtos de qualidade[...], ganhamos um projeto da Fundação Banco do Brasil com o nome Ecoforte, as dificuldades que temos hoje é porque não temos reservatórios de água,[...], agente também é acompanhada pelo MOC pela Técnica Taina que nos orienta e da muita forma pra a gente não desistir".*

Segundo Fabiana, *"o grupo mudou a minha vida porque antes eu trabalhava em casa de família e hoje eu trabalho no grupo que é uma renda extra pra mim, ganhamos um projeto pela Fundação banco do Brasil com o nome ecoforte e MOC onde recebemos equipamentos para nos trabalhar, porem eu não passei nem a metade da dificuldade que as minhas passou pois antes não tinha a sede como Iracema falou, a nossa técnica Taina da todo suporte na construção dos projetos através do ATER "*

O grupo de produção Vigorar tem muito a conquistar, o próximo objetivo é ampliação do espaço de produção, para que outras mulheres possam se integrar ao grupo, saindo do trabalho árduo do campo de sisal, para trabalhar na comunidade, se empoderando e gerando renda pra sim própria.

Elas contam que esse sonho só saiu do papel graças à chegada do MOC na comunidade, pois, foram através da técnica, com as orientações, cursos, intercâmbios para conhecer experiências, que incentivou a elas a formarem o grupo, elas só agradecem pela a oportunidade e que esse trabalho não pare e que outras mulheres também se encorajem para entra na luta.

“Com a chegada do programa ATER agroecologia, nossa vida mudou”

Ivonildo Lima,
Comunidade de Pedrinhas,
Retirolândia- BA





A senhora Valdetina e o senhor Ivonildo Lima, agricultores familiares e experimentadores, atendidos pelo MOC, residentes na comunidade de Pedrinhas, zona rural de Retirolândia–BA vem se destacando com diversas práticas agroecológicas na unidade de produção familiar, e também mostrando que é capaz de produzir em pequeno espaço para o consumo da família e ter um excedente para a comercialização, tornando assim uma propriedade, 80% alto sustentável, como afirma o senhor Ivonildo da silva: *“Com a chegada do programa ATER agroecologia, nossa vida mudou, surgiu várias oportunidades para nossa propriedade e nossa família, como, intercâmbios, visitas para conhecer nossas experiências, começamos participar de feiras da agricultura familiar em nossa cidade e em cidades vizinhas, o programa também nos beneficiou muito com orientação técnica e troca de experiências entre agricultores”*.

A propriedade da família hoje é fonte de inspiração para muitos agricultores e pessoas, que conhecem a história da família, pois como foi dito anteriormente é uma propriedade pequena, mas com uma diversidade de produção fantástica, onde eles criam espécies variadas de abelhas, hortaliças, árvores frutíferas e plantas ornamentais, dona Valdetina refere que essa visibilidade da sua UPF, se deu através assistência técnica na propriedade: *“Um dos pontos que a gente avalia muito importante, com a chegada da chamada foi a visibilidade nas redes sócias no qual proporcionou muitas visitas de professores de escolas de agricultores, até mesmo de amigos que não nos visitava, nossa propriedade hoje expiram outros agricultores por ser modelo de perseverança”*.

Diante desses potenciais de produção, na busca da permanecia no campo e com boa produção, a família foi contemplada com mais um projeto para captação de água, que foi o sistema de reuso de águas cinza, onde o senhor Ivonildo diz que: esse projeto veio para somar ainda mais na nossa produção porque as águas que era utilizada no uso da casa hoje a gente não perde mais nado, elas serve para molhar as plantas frutíferas.



Um marco muito importante para a propriedade foi a chegada da caderneta agroecológica em especial para dona Valdetina, onde através da caderneta ela tem todo o controle da sua produção, desde o que consume, doa, troca e vende, isso para ela se tornou uma aliada fortíssima da sua produção, como ressalta ela *“Antes da caderneta a gente não tinha controle de custos de gastos do que a gente estava colocando na mesa na produção no geral, e depois da caderneta passamos a ter esse conhecimento, de tudo a gente consumia, vendia e do que a gente doava e dos nossos lucros”*. Ela declara também que: A chamada ATER de agroecologia e a caderneta agroecologia, só nos trouxe alegria a cada agricultor e agricultora que nos visitava nos impulsionava cada vez mais continuar resistindo e persistindo nesse nosso semiárido só gratidão.





**“essa chamada
foi tão importante,
no momento de
tantas incertezas,
porque orientou
a gente sobre a
produzir alimentos
saudáveis”**

Jonalice Santana,
Comunidade de Mandassaia,
Riachão do Jacuípe, BA.



Ao observar o quintal de Jonalice de Santana, 53, na comunidade de Mandassaia, no município de Riachão do Jacuípe–BA, não imagina o caminho que a agricultora percorreu para chegar ao seu objetivo. São diversas plantas cultivadas na propriedade de 6,65 ha, entre hortaliças, frutas diversas e plantas utilizadas para alimentar os animais . Desde 1985, quando Jonalice se casou com Gilson Carneiro (60), foram muitos contratempos, períodos prolongados de estiagem, migração para São Paulo e retorno para o município baiano. Só foi em 2000, com a chegada da cisterna de consumo, que a fonte de renda do casal, já com os três filhos, passou a vir do próprio quintal.

“Os quintais de início eram a forma dos nossos antepassados de plantar do lado da nossa casa um pé de pimentão, um pé de coentro, uma cebolinha pro nosso consumo, sabendo que era um produto natural produzido por nós”, explica a agricultora. Com o tempo e avanço das produções no quintal agroecológico, Jonalice e família começaram a escoar o excedente de alimentos produzidos em mercados no município.

Em 2010, quando passaram a receber assessoria técnica do MOC para acompanhamento aos empreendimentos de produção, a família se juntou a outras seis, também contempladas com o Programa Um Milhão de Cisternas, da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), para fundar a Feira Agroecológica e Economia Solidária Riachão do Jacuípe. Em 12 anos de Feira, o município de 33.400 habitantes viu a produção de agricultores familiares crescerem consideravelmente. Atualmente, toda sexta-feira, às 7 horas, no mesmo local da feira convencional do município, 10 famílias se encontram para comercializar seus produtos. *“Já temos clientes certos, mas sempre aparece mais porque um vai passando para os outros. Muita gente vem conhecer o que é um produto agroecológico através da nossa feira”,* destaca a agricultora.

Há entre às famílias que comercializam uma organização para a feira agroecológica permanecer fortalecida. Quando alguém tem interesse em expor e comercializar na feira, os mais antigos(as) realizam uma espécie de vistoria e pré-requisitos precisam ser respeitados, a exemplo: uma visita à propriedade do(a) interessado(a) para comprovar a produção agroecológica.



"Essa chamada foi tão importante, no momento de tantas incertezas [pandemia], porque orientou a gente sobre a produzir alimentos saudáveis. Pra mim, a maior importância é a gente saber o que a gente tá plantando e utilizando a alimentação saudável. E outra é que podemos comercializar e tirar sustento também pra nossa família da feira", ressalta a agricultora.

Atualmente, a feira tem uma participação majoritária de mulheres, protagonistas na condução dos processos implementados. A feira agroecológica fortalece os processos de autonomia sociopolítica e econômica das mulheres dando visibilidade aos espaços públicos de geração de renda. Líder do grupo de produção e integrante do conselho fiscal da Rede de Mulheres, Jonalice conta que sempre existiu uma divisão justa do trabalho em sua família, *"me casei nova, com dezesseis anos, e até hoje é o meu esposo que eu convivo. A gente sempre dividiu. Até hoje é assim e meus filhos também foram criados nessa. Tudo que o MOC traz é importante para nossa vida e isso tudo nos faz melhor"*.

Na agroecologia, existe um reconhecimento do importante papel das mulheres nos agroecossistemas, principalmente na promoção da autonomia das mulheres rurais. As feiras acabam desenvolvendo um processo de fortalecimento das mulheres nas suas comunidades e na preservação da biodiversidade local.

A dedicação da família com as práticas agroecológicas e a existência da feira têm dado bons frutos, gerando riqueza para o município, para todos os membros da família e promovendo saúde.



A woman with dark hair, wearing a yellow tank top and a floral skirt, stands in a lush green garden. She is holding three green, round fruits in her hands. The background is filled with trees and foliage. A semi-transparent yellow and green gradient overlay is on the left side of the image, containing text.

**“E foi isso que me
salvou, aquela
tristeza foi
embora, eu
comecei a ter
prazer, a ver
minha produção”**

Ana Lúcia Correa,
Comunidade São Lourenço,
Riachão do Jacuípe, BA.





Ana Lúcia Correia de Sena, agricultura familiar da comunidade de Lagoa do Canto II, no município de Riachão do Jacuípe, há algum tempo vem sendo acompanhada pela ATER do MOC. Desde 2008 a agricultura começou sua produção de hortaliças, e logo no mesmo ano, foi contemplada com a cisterna calçadão, a tecnologia de captação de águas das chuvas foi instrumento de grande importância para a família, com ela a produção pode ser ampliada. Mas, foi a partir do momento em que a família teve acesso à política pública de ATER que muita coisa começou a mudar. Segundo Dona Lucinha, a ATER salvou sua vida, no momento mais delicado, quando seu filho foi embora para São Paulo, em busca de trabalho, deixando com sentimento de muita solidão e tristeza por vê-lo ir.

“Eu andava muito triste, até a técnica chegar em minha casa, eu no início resistir, mas foi vencida pela insistência da técnica. Logo, ela começou a me incentivar a melhorar os canteiros, diversificar, assim, eu fiz. E foi isso que me salvou, aquela tristeza foi embora, eu comecei a ter prazer, a ver minha produção”.

A produção e a comercialização dos alimentos hoje é sua principal fonte de renda, o que tem garantindo a sustentabilidade da família juntamente com seu esposo Moracy. Como quase toda realidade, o seu início é marcado por algumas dificuldades para comercializar os produtos. Porém, foi através da participação da associação, do grupo produtivo que a família começou a levar os produtos para na Feira Agroecológica do município em 2018 e passou a ter uma grande variedade de produtos, como tempero caseiro, frutíferas, ovos de quintal, galinha caipira, folhosas, entre outras.

“A assistência do ATER, foi essencial e orientou como produzir com base na agroecologia e utilizar defensivos naturais, que fez aumentar a minha produção e a diversificação. Eu digo que tudo foi ficando melhor com a técnica que me ajudou, eu lembro que no início o único transporte era a moto, para levar as mercadorias, a gente caía, mas não desistia. E eu fui forte, eu disse que ia vencer, e foi com a venda dos produtos que levava para feira que eu comprei meu carro, eu disse que ia vencer, venci. Agora eu quero mais”.



Nestes últimos anos muitas mudanças aconteceram na propriedade, recentemente a família foi contemplada com projeto Bahia produtiva, edital 15 emergencial, para a ampliação do quintal produtivo e vem ampliando e melhorando sua produção. Outra ação de impacto que a chamada agroecologia possibilitou a família foi o uso da caderneta Agroecológica, onde foi possível anotar todo o trabalho desenvolvido pela mulher, assim trouxe impactos que geraram e ficaram na vida da família, em especial na de Dona Lucinha.

“Com as anotações feita na caderneta, tive um outro olhar do meu trabalho na propriedade, e de saber do meu consumo e quanto estou ganhando, eu percebi que sou rica e nem sabia”.

Dona Lucinha tem um sonho, e ela diz que é preciso que a ATER seja continuada para que ela e outras famílias possam permanecer e viver no campo, e para que seu sonho seja realizado, com implementação de montar uma estufa, para melhorar ainda a qualidade de seus produtos e poder fornecer mais alimento saudável para as pessoas.





“Antes meu quintal, era uma terra morta sem nada de produção e hoje já está bastante produtivo”

Olivia Santana,
Comunidade de Mandassaia,
Riachão do Jacuípe, BA.



A jovem Olivia de Santana Santos, da Comunidade São Lourenço, município de Riachão do Jacuípe, deseja um dia ver seu quintal produtivo, mais produtivo, com uma diversidade que promova a sustentabilidade da família e também poder comercializar.

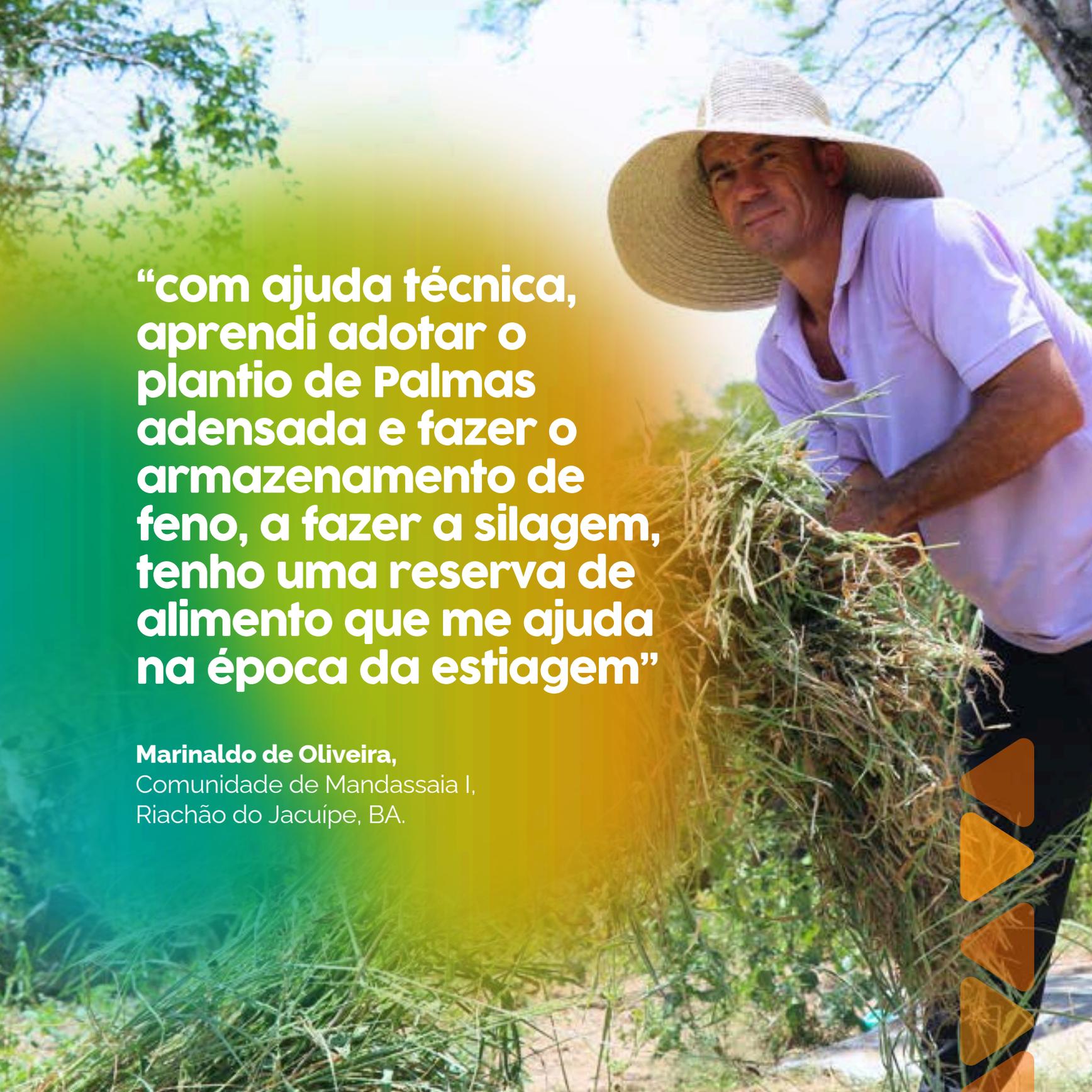
Desde quando ela morava com sua mãe, Olivia sempre teve envolvimento com a agricultura, na época a família recebeu uma cisterna de produção, através do MOC. Anos depois a jovem muda de local e passa a morar na comunidade de São Lourenço. É neste período que ela passa integrar ao grupo Arte MULHER, participando e contribuindo na comunidade. Foi por conta desse seu envolvimento que a jovem teve acesso à política pública de ATER, via a chamada de ATER Agroecologia da BAHIATER/SDR, e garantiu a assessoria técnica sistemática, com foco na agroecologia e na convivência com Semiárido.

Olivia começou a participar das atividades individuais e coletivas, e aos poucos começou a inovar e adotar novas práticas na sua propriedade, e foi com o acesso ao programa do governo do estado Bahia produtiva, edital 15, com foco na estruturação dos quintais produtivos que sua área produtiva se estruturou. Atualmente, mesmo com a dificuldade por conta da estiagem, seu quintal tem produzido hortaliças e frutíferas e colocando em prática todas as experiências adquiridas ao longo do ATER AGROECOLOGIA.

“Antes meu quintal, era uma terra morta sem nada de produção, e hoje já está bastante produtivo” enfatizou a jovem.

A chegada do ATER transformou a vida da jovem, que nada antes produzia e só vivia da bolsa família. A mesma foi contemplada no tempo da Pandemia da COVID-19 com cesta básica e o vale-gás do Banco do Brasil.

Como também, ela faz entrega dos seus produtos para o PNAE e o PAA, e alguns de seus produtos vai para a Feira Agroecológica do município de Riachão do Jacuípe e também vende na própria comunidade. Algumas mudanças significativas na família foram obter uma melhor qualidade de vida e cuidar do meio ambiente. No entanto, seu sonho é ter mais variedades de produtos produzidos na sua propriedade e ser contemplada com uma cisterna de produção, melhorando ainda a qualidade de vida da família. Esse é seu desejo!



**“com ajuda técnica,
aprendi adotar o
plantio de Palmas
adensada e fazer o
armazenamento de
feno, a fazer a silagem,
tenho uma reserva de
alimento que me ajuda
na época da estiagem”**

Marinaldo de Oliveira,
Comunidade de Mandassaia I,
Riachão do Jacuípe, BA.





Marinaldo Cacio de Oliveira Carneiro agricultor familiar, residente na comunidade de Mandassaia I, município de Riachão do Jacuípe, tem sua trajetória de vida marcada pela lida no campo. Desde seus 10 anos de idade já ajudava seus pais nas atividades da roça. Sua caminhada sempre teve marcas pelos desafios, mas também pelas conquistas, mesmo com toda labuta, ele fala com felicidade. Ter participação na associação comunitária foi o que possibilitou a família a garantia dos direitos e de fortalecimento da sua propriedade.

Com a participação dos espaços coletivos e de troca de conhecimento foi que a família passou a ter criação bovinocultura de leite e apicultura, com incentivo e orientação dada pelo ATER, ele adquiriu animais e as caixas de abelha e passou a criar na sua propriedade. As duas criações são hoje suas maiores rendas, o que antes não tinha e agora passou a ter, renda.

“Antes eu mesmo plantava palmas no sistema tradicional largamente com ajuda técnica, aprendi adotar o plantio de Palmas adensada e fazer o armazenamento de feno, a fazer a silagem, tenho uma reserva de alimento que me ajuda na época da estiagem, além disso meu mel é todo comercializado”.

É na criação de bovino e abelha que a família conseguiu melhorar sua condição de vida, mesmo com o acesso às informações, ainda precisa de muito mais tecnologia, conhecimento para adequação do sistema. No entanto, foi com a ATER que possibilitou o primeiro passo de mudança na vida de Marinaldo. E a geração de rendas começou a ser ampliado, ter acessado ao crédito deu condição para estruturação, o que possibilitou permanecer com vida digna no campo. Hoje, toda produção de leite é comercializada e vendida para o laticínio, à família passou adotar práticas ecológica e de cuidado com a natureza. Antes a propriedade era sem renda, a produção de leite pouca, a alimentação sem diversificação e insuficiente para os animais. Para o futuro pretende comprar mais animais de boa genética, além de ter mais reserva estratégica animal.



“ainda espero as chuvas cair para ver minha cisterna cheia de água, sinto a falta de ver a fartura que tem na roça, tanto na produção de alimentos”

Neirian Dias ,
Comunidade de de Lagoa Escura,
Santaluz, BA.





Neirian Dias e José Silva são exemplos de agricultores familiares na comunidade de Lagoa Escura, no município de Santaluz, que desde 2013 começou a ser assessorada pelo ATER do MOC. A família já produzia uma diversidade de produtos na sua área de terra de 18 hectares, tendo como subsistemas, o roçado de milho e feijão, a produção de fibra de sisal e criatórios de pequenos animais. No entanto, sua maior paixão era ver sua pequena produção sendo comercializada no espaço na comunidade. Foi participando dos diversos espaços de formação para troca de conhecimento e de ocupação nos espaços coletivos, a exemplo do grupo de produção de mulheres formado na comunidade para produção e beneficiamento de derivados da mandioca, que a família deu um passo e acessou os mercados institucionais como PNAE e PAA o que melhorou a renda familiar.

A família teve um melhor acompanhamento através da chamada de agroecologia, o que potencializou e planejou melhor as áreas do agroecossistema. Além disso, Neiriam se filiou a cooperativa de beneficiamento e comercialização (COOBENCOL), sendo beneficiada com projeto para estruturação de quintais produtivos, onde implantou na roça da família, uma área para a produção de frutíferas e hortaliças, tendo foco maior na produção diversificada (coentro, alface, cebolinha, rúcula, acerolas, laranjas, mangueiras, plantas medicinais) com objetivo inicial o abastecimento para o consumo da familiar e o excedente para comercializando nos mercados institucionais, além de vender na própria comunidade, a renda da família melhorou significativamente contribuindo nas melhorias da infraestrutura da residência, aquisição de equipamentos, cercamento, melhorias dos canteiros, além de contribuir nas despesas da casa.

Outro acesso de grande impacto foi com a chegada da cisterna de captação de água das chuvas com capacidade de guardar 60 m³ de água, contemplada pelo projeto Bahia produtiva do governo do estado na cadeia da fruticultura. Com isso a família tem ampliado a diversidade de produção do quintal, começaram a processar e beneficiar com a produção de polpas de frutas, acerolas, umbú e molhos de tomate, agregando valor aos produtos, e acessando novos mercados. E garantindo principalmente a segurança alimentar e nutricional, através do consumo de produtos agroecológicos produzidos pela família e vendendo para os consumidores que conhece a procedência dos produtos oriundos da propriedade.

“O nosso maior desafio é a dificuldade de água mesmo com as tecnologias construídas chega um tempo que a gente parar de produzir, mas a gente espera o tempo da chuva e começa tudo de novo. Ainda espero as chuvas cair para ver minha cisterna cheia de água, sinto a falta de ver a fartura que tem na roça, tanto na produção de alimentos, como na comercialização que diminui e impactou na renda familiar”, diz Neirian.

A chamada agroecológica promoveu um conjunto de estratégica e uso de ferramentas de acompanhamento, um dos que destacamos foi o uso das cadernetas agroecológica. a família recebeu uma caderneta para anotações de tudo o que é consumido, doado, trocado e comercializado, a partir da produção do agroecossistema, espacialmente do quintal produtivo. Além disso, a caderneta é uma ampla troca de experiências entram agricultoras, proporcionado um novo olhar, especialmente para Neirian. A experiência de anotar o que produz, o consumo da família, as relações de doação proporcionaram a compreensão não apenas da qualidade mais também da produtividade existente no seu subsistema quintal.



“A gente só sente o que a gente produz, quando a anota e quando a gente não tem produção por causa da seca. Eu não sabia o que eu gerava e o quanto tinha aqui. Mas, a caderneta agroecológica me ajudou e eu pude ver isso. A mulher sempre ajuda, e combinado um com o outro a gente paga as contas, faz a feira de casa. Eu ainda tenho um sonho, e ver minha cisterna encher de água da chuva e o Zé sair de senhorzinho, pedir as contas e nós viver na roça, produzindo frutas e vendendo nossas hortas, criando nossas galinhas, mexendo com abelha, eu ainda vou ver esse sonho realizado, e isso tudo tem a ajuda da ATER”.

A photograph of two women in a rural setting. The woman on the left is wearing a large straw hat and a colorful apron with the text "Amigos Amigos" and "Associação". She is smiling and looking down at a tray of eggs. The woman on the right is wearing a large straw hat and a blue long-sleeved shirt. She is also smiling and looking down at the tray of eggs. The background shows a rustic structure made of bamboo or similar material.

**“a gente aproveita
tudo que a roça
oferece”**

Diana Rodrigues,
Comunidade de Serra Branca,
Santaluz - BA



A jovem Diana Rodrigues do Carmo, 27 anos, agricultora moradora da comunidade de Serra Branca, município de Santaluz, casada com Anderson Rodrigues. Sempre acompanhou a sua mãe dona Sabina nas atividades da roça, numa área de terra medindo duas tarefas.

No ano de 2019, Diana e sua família começou ser assessorada pelo MOC, através da chamada pública de agroecologia, começaram a participar das formações na comunidade, foi com participação destas formações que despertaram o interesse para produzir uma diversidade de produtos na sua propriedade, tendo como ponto forte, roçado de milho e feijão, batata-doce, aipim, horta na qual produz de tudo um pouco, alface, coentro, pimentão, cebolinha, couve, rúculas e da criação de pequenos animais galinha e produção de ovos.

“Antes a gente tinha muita dificuldade de produzir na nossa roça, a gente plantava não sabia que precisava adubar era só plantar e deixava lá não fazia o manejo correto, uma das nossas maiores dificuldade era por falta de água mesmo com a cisterna de produção chega um tempo que não consegue produzir, além da dificuldade nas plantações por falta de água, também tivemos muita dificuldade na criação de galinhas, a gente criava muita galinha, mas morria demais, não conseguia pegar um ovo quando chegava as galinhas já tinha comido os ovos, os frangos não engordava porque a gente não dava comida direito ou na quantidade suficiente”, diz Diana.

A família teve um melhor acompanhamento através da chamada de agroecologia, com a assessoria, planejou e incentivou a família melhorar e diversificar as áreas do agroecossistema, através das formações sobre manejo sanitário na criação de aves, limpeza correta do galinheiro, remédios naturais, além disso, a família participou de formações relacionadas ao manejo alimentar, aprendendo a produzir alimentação para as aves, fazendo hidropônia para diversificar a alimentação e diminuir o custo de ração. Foram diversas capacitações, relacionadas para melhoramento da propriedade, cursos de hortaliças, plantio de



de frutíferas com foco na adubação e espaçamento entre linhas, forma correta de plantio e consorciamento entre outras culturas. A família utiliza a produção oriunda dos subsistemas para a própria alimentação e sempre que possível o excedente é comercializado, além disso, Diana é empreendedora e aproveita as frutas produzidas na propriedade e na comunidade para produção de sucos e geladinhos, agregando valor ao produto.

“Nosso planejamento, depois que nós foi apresentado a possibilidade de ter acessado o crédito é organizar mais ainda a propriedade, criar suínos e melhorar o criatório de galinhas, garantindo nossa renda. A nossa comunidade é muita grande, além disso, tem o açougue da família e podemos produzir e comercializar a nossa produção.”

A Jovem Diana é um dos grandes resultados da ATER sistemática e gratuita, quando este serviço é bem orientado as mudanças acontecem, O campo precisa de uma política pública de ATER direcionada para a Juventude rural, para sucessão rural. Foi durante esse período que a maior mudança se consolidou na vida de Diana e de sua família, com adoção das práticas, da transformação da propriedade e com as melhorias na renda que ela afirma: “eu não tenho interesse em sair do campo, então temos que procurar nossas melhorias, buscar novos conhecimentos e viver na nossa terra. A gente aproveita tudo que a roça oferece”.



**“além de garantir
geração de renda para
família, vender verdura
de qualidade e
diversificada,
é vender saúde
pra os meus
clientes”**

Genivaldo Matos,
Comunidade de Ferreiros,
Santaluz, BA.





Genivaldo Matos, 49 anos, residente na Comunidade Ferreiro, Santaluz – BA, casado com Damiana, tem dois filhos e espera a chegada do seu primeiro neto, a história dessa família mostra a resiliência de produzir num pequeno espaço de terra de menos de uma tarefa adquirido com recursos próprios. Sócio e diretor da associação comunitária, nenê como é conhecido, já experimentou diversas atividades produtivas na sua pequena propriedade, desde a criação de ovinos, criação de cabra leiteira a hortaliças.

“Criava cabras leiteira, vendia leite de cabra na comunidade, mas quando entrava os tempos difíceis às cabras adoeciam, trabalhava fora na bateadeira de sisal, não tinha tempo de cuidar direito, acabei com o criatório e fiquei trabalhando para terceiros, mesmo trabalhando fora já produzia verduras no quintal de casa pouca coisa, comercializava na comunidade. Depois conseguir ser contemplado com uma cisterna de Produção, através do MOC projeto mais água do Governo do Estado, com o objetivo de produzir hortaliças, foi aí que comecei a ampliar meu quintal”, diz Genivaldo.

Em 2019 a família foi cadastrada na chamada agroecológica pelo MOC, onde passou a receber acompanhamento técnico na propriedade. Com a orientação da assessoria acessou ao programa nacional de fortalecimento da agricultura familiar (PRONAF), estruturou sua propriedade com construção de canteiros de alvenaria, fez melhorias nas estruturas de armazenamento de água, que tem conseguido produzir coentros, o foco da produção por ter alta demanda do mercado, mas também produz alface, pimentão, quiabo, tomate e couve.

“O técnico passava na propriedade nos orientava sobre como manejar a terra, pra não ficar plantando a mesma cultura no mesmo canteiro, orientando sobre os adubos e a gente sempre perguntando quantos de esterco podia usar, eu tinha dificuldade de cobertura de solo nos meus canteiros, ele me ensinou utilizar pó de madeira ou resíduo do sisal, além de fazer biofertilizante, coisas que não fazia antes aplicação de defensivos naturais”, diz Genivaldo.



Os desafios enfrentados, sem dúvida ainda é água para produção, para amenizar essa problemática Genivaldo tem feito investimento em armazenamento de água. Quando a água da cisterna termina abastece com seu carro para manter a produção em alguma parte do ano, mesmo com orientação do uso de práticas e gestão das águas e do manejo do solo o consumo é muito alto de água para conseguir manter a produção e comercialização.

Hoje vende em torno de 400 molhos de coentro por semana, mas também produz outras variedades de hortaliças como couve, alface e toda semana vende na comunidade e faz entrega na cidade de Santaluz e se tivesse mais produto conseguiria vender, A família de Sr Genivaldo melhorou a renda, tem garantindo a segurança alimentar nutricional para sua família, e para além ele consegue levar para outras famílias produtos que garantem a segurança alimentar, levando comida de verdade para a mesa do consumidor. Viva a agricultura familiar que produz ecologicamente.

"Meu desejo é continuar produzindo e ampliar a horta, abrir uma quitanda na comunidade e poder além de garantir geração de renda para família, vender verdura de qualidade e diversificada é vender saúde pra os meus clientes".





CONSIDERAÇÕES

Portanto, permanecem alguns desafios, como a continuidade dos serviços de ATER sistemático e gratuito para as famílias e suas comunidades, **a dificuldade na comercialização**, devido **à estiagem prolongada e fragilidade na estratégica de escoamento**; poucas ações na perspectiva do **saneamento rural**; grande preocupação do acesso à **terra** e a permanência das **gerações** mais novas no campo e nos espaços coletivos, pois muitos jovens têm saído em busca de oportunidades de emprego, principalmente nos grandes centros, estando em risco a **sucessão rural**. A necessidade de fomento/financiamento para as famílias agricultoras; diminuição do número de **famílias por técnica/o** nos editais públicos; promover um processo de **formação continuado para as equipes técnicas com profissionais especializados**; investimento adequado na capacitação dos profissionais que prestam esse serviço, bem como na infraestrutura necessária para sua implementação Desburocratizar o acesso às **políticas públicas**, em especial crédito e comercialização e Certificação dos Produtos da agricultura familiar.

É notório o papel das políticas públicas no desenvolvimento rural em especial a política de ATER, fundamentada nos princípios da agroecologia e da convivência com o Semiárido, como serviço público e gratuito, permanente e sistemático, sendo um importante dinamizador e articulador de todo um conjunto de outras políticas públicas. Aliado a isso, constatou-se a necessidade de que esses processos sejam mais fortalecidos e desenvolvidos em sinergia com outras ações e políticas públicas voltadas para agricultura familiar. Só assim, mais mudanças e inovações necessárias podem seguir acontecendo para promoção do bem viver na comunidade. É essencial que governos e instituições invistam cada vez mais nesses serviços, reconhecendo sua importância e promovendo o desenvolvimento sustentável das famílias agricultoras.



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2013. Disponível em: <<http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/consulta/>> . Acessado em: MARÇO/2024.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: MARÇO/2024.

CHAMADA DE ATER AGROECOLOGIA. <https://www.bahiater.sdr.ba.gov.br/index.php/noticias/2018-09-12/editais-ater-mulheres-e-ater-agroecologia>. ACESSO EM SETEMBRO DE 2018

CTA. CADERNETAS AGROECOLÓGICAS – UM INSTRUMENTO POLÍTICO PEDAGÓGICO. <https://ctazm.org.br/bibliotecas/cartilha-cadernetas-agroecologicas-267.pdf>. ACESSO EM DEZEMBRO/2018

FREIRE, PAULO. Pedagogia do oprimido. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. 14ª ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2003.

https://moc.org.br/upload/relatorio-de-atividades-anual-do-moc-2022-1682453525_25042053043525.pdf

https://moc.org.br/upload/relatorio-anual-do-moc-2021_1682366572_24042023050252.pdf

https://moc.org.br/upload/relatorio-anual-do-moc-2023_1723058026_07082024041346.pdf

LUME [livro eletrônico] : método de análise econômico : ecológico de agroecossistemas / Paulo Petersen ... [et al.]. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : AS.PTA - Agricultura Familiar e Agroecologia, 2021.

REALIZAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO RURAL

PARCEIROS



Articulação de Agroecologia no Baiano



ASA

Articulação
Semiárido
Brasileiro



fórum
baiano da
agricultura
familiar

ISBN: 978-65-997358-0-9

